

A 466801

SONETOS e ROMANÇOS



PROPERTY OF

*The
University of
Michigan
Libraries*

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS

A' sua adoravel
amiga, a Ex^{ma} Sr^{ta} D.
Lice Leizaola, offerece
este livro, para que,

LYRICA

lendo os
versos do

Sonetos e Rimas Pai;

se lembre de vez
em quando do Filho,
o seu amigo muito sincero e
eternamente grato.

Lyfuenizatas Jo

Lisboa
10-6-98

Vertical line on the left side of the page.

Fragmented text consisting of several lines of illegible characters and symbols.







5



LYRICA

Sonetos e Rimas

DE
Castanho
Luiz Guimarães

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA E AUGMENTADA

Prefacio de Fialho d'Almeida

LISBOA

TAVARES CARDOSO & IRMÃO — EDITORES
5 e 6 — Largo do Camões — 5 e 6

M DCCC LXXXVI

869.8
G965ly
1886

LISBOA

TYPOGRAPHIA ELZEVIANA

50, Praça dos Restauradores, 56

695897-176

A memoria
de
CECILIA GUIMARÃES





LUIZ GUIMARÃES

Cs poetas propagandistas, cantando a Justiça, deruindo velhas formulas politicas e religiosas, fazendo a apotheose da officina e da blusa, ou conclamando, em rutilantes alexandrinos, as invenções, descobertas e syntheses da sciencia e da industria, são pro-sadores castrando em rimas imprevistas ou sonoras, os períodos que vão escrevendo. Como agente de propaganda, a poesia é o mais frouxo dos vehiculos litterarios; e com a sua organização femenil, os seus delicados moldes, o artificio das rimas e o mosaico das imagens, ella amesquinha a magnitude e o impeto dos altos problemas que tem em mira vulgarisar. Ella vive do meio sonho vago, que deixa o poeta ir idealizando o seu mundo em doces e fluctuantes chimeras. Nas manifestações do bello, toma por lei uma relação precisa e justa entre as concepções individuaes e o elemento tradicional. Estabelece as correlações intimas, as mysteriosas affinidades, da religião com o amor, e do amor com a familia e com a patria. Todas as crenças e todas as abnegações que a mocidade

irradia sem lhes indagar da logica dirigente, ou querer justificar as explcsões cavalheirescas, constituem os seus dilectos subsidios e fontes de inspiração profunda.

Taes aspirações são já uma poesia instinctiua, esparsa por todos os espiritos moços, mas incapaz de crystallisar por si, n'um cantico dotado de formas litterarias. Mas eis que o poeta chega e dá corpo a estes sons errantes, a estes vortilhões da imaginação collectiva, a estas tendencias sonoras da alma, sublimada por aspirações de mais generosa altura; chega e dá cor, accento, ironia e vida, aos trechos anonymamente sentidos e collaborados por uma raça, ou simplesmente por uma geração.

Tal é na poesia romantica o papel de Byron, de Schiller, de Madame de Stael, Thomaz Moore, Chateaubriand e Jean Paul, interpretando a inquietação atormentada, a febre delirante, e o frenetico amor da sociedade do seu tempo. O publico vem então maravilhosamente disposto a comprehender essa poesia que elle propulsionou sem assignar, e que reflecte o seu momento psychologico, ao tempo que lhe está fortalecendo as tendencias, e lisongeando as necessidades e as predilecções. Edade de ouro para os poetas, aquella em que o publico é inteiramente o contemporaneo da poesia vigente, e onde o sentimento individual do artista tem pouco a fazer n'uma obra tão intimamente enraizada no coração da turba (1).

(1) Comme il y a dans la nature humaine une imbrisable unité, il est évident que l'œuvre de littérature ou d'art conçue et produite ainsi par une nécessité profonde doit manifester tout l'homme qui la conçoit et qui la produit, avec son sens particulier du monde et de lui-même, avec sa façon ou tendre ou amère de goûter le réel, avec son être enfin dans ce qu'il a de plus intime et de plus vrai. Mais cet être tient à son milieu par d'invisibles racines, comme une plante au coin de sol dont elle absorbe la sève. Donc, en se transcrivant dans son œuvre, l'artiste se trouve avoir du coup

Este estado d'inteira adaptação entre a obra d'um espirito e o espirito d'uma epocha, dá-se quando a humanidade atravessa estados d'incerteza ou d'angustia, ou ás horas de transição em que uma edade está morta, quando ainda outra mal vem alvorecendo. O poeta faz-se então o apostolo da anciedade geral, o propheta da aurora que nem boceja sequer ainda entre os escombros. É Leopardi em Recanati, aos vinte annos, pondo a sua tristeza de rachitico em versos febris e limpidos, e elevando-se por ella á expressão mais pathetica da dôr. É Herculano em Plymouth, chorando as saudades da patria crucificada ao miguelismo, ou inspirando as suas elegias nos conflicts liberaes de 32 e 34. É Byron tentando esculpir, na selvageria das suas figuras, a revolta do genio contra os pequenos moldes da sociedade artificial que lhe reprovava as excentricidades. Walter Scott, o *clarificador da historia*, segundo Hazlitt, renovando o interesse historico na litteratura escoceza por um genio de narrador sem rival. E Baudelaire, Musset, Rollinat e Richepin, exprimindo a saciedade sceptica e a inquietação nevrotica e doentia das nossas civilisações actuaes.

Porem a crise passa, resolveu-se a difficuldade politica, o cadafalso ou o exilio levaram o tyranno que motivara

transcrit quelque chose de ce milieu, une portion de cette grande âme contemporaine dont il est une des pensées, un peu du vaste cœur de sa génération dont les battements retentissent en lui. Il résulte de là que, si la poésie d'un poète se trouvait absolument en dehors de toute date et de toute époque, elle serait une œuvre de mort, simple curiosité d'école, bonne à divertir des scolastes, mais incapable de servir de pâture vivante à des hommes vivants.

PAUL BOURGET.

a revolução. Na sua labutação incansavel de mineiro, a humanidade depara com novos filões vitaes que lhe avigorentam a trama, sacudindo-lhe a tristeza enervante. Uma outra era sorri. Aquelle estado do ser moral colectivo evaporou-se, e foi curado. E eis que a musa desflorada emmurchece da frescura radiosa que primeiro fizera chispar scintillas nos corações oppressos! Por forma que se escreverá d'esta poesia o que Guy Patin já dissera de certos remedios em moda — que era il-os tomando emquanto curavam. De facto, quem comprehende hoje a musa catholica de Chateaubriand? Onde reboa um echo sequer da poesia jacobita de Diana de Vernon? Que heroes de Byron não fariam hoje rir François Coppée e Catulle Mendés? O que ha d'actualidade no amor heroico de *D. Carlos*, e no amor cavalheiresco de *Aben-Hamet*? Como sentir pulsar uma alma, mesmo, na *Edade Media* de Victor Hugo (1)? Esses grandes bocados são vozes sem echo na alma moderna, alguns já tão frios que parecem só feitos d'emphase, tão longe vamos do pensamento que os dictou. Não correram muitos annos desde que Napoleão III desceu á historia, e já declinam os *Châtiments*, como se a mediocridade politica da figura que os inspirou, descórra podesse a poesia demolidora do velho colosso romantico. A humanidade não quer dos pequenos interesses circumscriptos aos pequenos grupos: por isso depressa passa do gosto, essa poesia d'episodios locais. Entanto ella tem as suas grandes paixões indomaveis, eternamente vivas, sangrentas e fecundas, as suas grandes coleras, as suas soberbas forças heroicas; e a musa que as vibra é a unica que nunca morre, pois ella presta a sua voz á alma mesma da humanidade. Sem arcabouço para supportar a formida-

(1) A. Pontmartin.

vel massa dos assumptos contemporaneos, seccos, positivos, que não deixam margem a vôos d'imaginação, e dos quaes só a monographia, o tractado de sciencia, o pamphleto, o romance d'analyse, etc., podem dar conta e fazer correr mundo; a poesia, como vulgarisadora, carece de folego, e tentada ha pouco ainda, está agonisante, ou morreu á nascença.

Os assumptos praticos de que se convulsiona a moderna vida, esses vastos problemas que fecundam as riquezas e centuplicam as ideias, creando necessidades, gostos, aptidões e pontos de vista, sobre quê logo outras industrias e interesses vão polarisar-se, ankylosar-se, e contundir-se — determinam no mundo uma circulação tão brusca e constante, prendem o homem em tal gargalheira d'actividades, que o seu coração, tornado egoista pela fadiga, perde a impressionabilidade de sentir e traduzir aquellas emoções lyricas e finas, que em outras juvenis edades eram a paixão dos espiritos nobres, e entretinham a vida sobria, tudo explicando pelo sentimento, exprimindo tudo pelo symbolo, e pondo na palestra e na escripta, entre imagens e juizos simples, essa gottejante alegria solar, que nas zonas temperadas faz tão exuberantes as culturas da terra e as manifestações da intelligencia. Em nossos dias o espirito positivo matou o sentimento poetico, que o exclusivismo individualista está acabando de matar. A analyse encaneceu a juventude do nosso coração, e já não vamos com tunicas de linho branco, coroados de flôres, saudar a primavera entre evohés pagãos, ebrios do amor pantheista que se nos entornava da alma em golphões, como um Chypre raro, das bellas amphoras d'agatha, vermiculadas d'oiro. O amor, quando não seja um calculo, transfaz-se n'uma extravagancia dos sentidos, que falsearam a impressáo para que tinham sido creados. Quebrou-se

o elo natural entre a turba e o poeta. Cada lyra restringe a sua gloria a pequenos clubs de crentes maniacos, que passam a vida immobilizados no extasi d'aberrações postas em rima, aberrações que pela extranheza, dir-se-hiam pesadas no alcool dos museus de teratologia hospitalar. Desnecessario exemplificar. É lêr a mór parte dos versos celebres dos nossos dias, as *Odes funambulescas* de Bainville, as *Chansons des gueux* e as *Blasphèmes* de Richepin, as *Flôres do mal* de Baudelaire, as *Nevroses* de Rollinat, e todos os volumes que mais ou menos gravitam á volta d'estes. Jámais o metro foi tão rico, a rima tão hilariante, a lingua tão plastica, e tão embellecada a imagem, d'uma cinzelura vaporosa! Mas o talento, rebuscando os effeitos d'arte mais excetricos, e querendo ferir por uma originalidade archi-doida, estrangula a voz dos sentimentos naturaes, turba a grande veia limpida da inspiração, falseia a sinceridade da alma que se queixa ou que exulta, mira effeitos theatraes na emoção que explora, cahindo n'uma sorte de monomania bizarra. Tudo n'este certamen condiz ao fim: a rima procurada entre palavras obsoletas, as imagens colhidas entre os phenomenos mais repellentes, mais estravagantes, mais reconditos, e o thema inicial quasi sempre talhado em podridões, miserias, infamias ou bufonarias. Eu não nego o genio d'estes extraordinarios analysts. Quantas vezes Rollinat me tem dado pesadellos! Mas tantos d'esses pathologicos assumptos, não diriam melhor n'uma monographia scientifica? Cuidam os poetas pagar com as maravilhas da factura, a frialdade ou o artificio do sentimento interior — e assim ficaram as estrofes, enfileiradas, enigmaticas, mortas, como uma avenida d'esfinges que leva á necropole deserta.

Resta a poesia puramente lyrica, a poesia que o amor glorifica, nas transfigurações do idyllio e paixão platonica das puras formas: bando de visões tecidas de sonho e nuvem, desejos d'uma serena plenitude que todos os seres compartilhem, desde a alga microscopica até ao homem de genio — poesia perfumada d'essa ternura infinita, castissima, maternal á força d'intima, que vibra no poeta ante os mais leves aspectos sensiveis. Atravez das evoluções do espirito moderno, no vortilhão doentio dos que todos os dias renovam os seus ideaes, ha pequenas synagogas de contempladores e eternos crentes, immutaveis como o dogma, aos quaes as velhas coisas inspiram culto apaixonado, e que se comprazem em cultivar os affectos simples do espirito, ingenuamente expressos, ingenuamente sentidos, e camoneanamente cantados. A poesia que elles fazem, repassada do sentir da multidão anonyma, parece antiga como a estatuaria grega, e como ella eterna pela graça rustica que accentua, e pela limpida e franca linguagem que emprega. N'esta situação, o poeta lyrico é um ser áparte, uma especie de divino somnambulo, cristallisando dôr a dôr, soneto a soneto, na sua alma, como n'uma concha, á força de concentração, contemplação, o grande ideal d'amor absorvente, que se alimenta de purissimas reminiscencias de belleza, e fluctuante nas azas do extasi, tudo vae sagrando por onde quer que passe. É o caso de João de Deus, recolhido nas contemplações da sua mocidade algarvia, rimando singelos amores com raparigas do campo, e dizendo as saudades de *Marina* morta, e a meiguice fragil de *Margarida*, n'aquella forma primitiva do lyrismo portuguez, que no seculo XVI radiava em fragmentos de Gil Vicente, Sá de Miranda e Camões.

Instinctivamente, indaga-se a quantos seculos de distan-

cia está a voz que se escuta rimando essa canção paradisiaca e divina, onde entanto lateja o coração do mundo, e quer-se perscrutar a maneira porque elles teem conservado, na complexa vida d'este seculo, a limpidez d'espírito da antiguidade. Conhecem o *lied*? É um genero de poesia vaporosa e ingenua, que se encontra por toda a Allemanha, incorporado na vida do povo. Atravez da sua forma phantasiada, das suas divagações nebulosas, o *lied* conserva um lado real, que se prende a todos os actos do viver allemão, e vae maravilhosamente a essa lingua de todos os rythmos, habil para todas as versificações, e cujo effeito acustico Philarete Chasles compara a um resoar d'orgão com tubos de cobre, em que as notas solemnes se vão perdendo atravez do espaço. Os velhos *lied* são anonymos. Os modernos, que se inspiram na tradição, tarde ou cedo, perderão a rubrica, ao entrarem no repertorio da massa. O *lied* foi muito tempo exclusivo do povo, que traduzia por elle as tendencias e emoções da sua alma, o amor, as harmonias da boda, o nascimento do primeiro filho, o enthusiasmo da caça, o poder da superstição, a colera, o ciume, o lucto... Associava no espirito emoções dispersas, insufflando vida nas lembranças arredadas da memoria. É o canto familiar da Allemanha; e trazendo refrigerio ás existencias votadas aos rudes misteres, nenhum outro guarda como elle essa floração exotica de nacionalidade, que isempta por todo o sempre das frias versões estrangeiras. Porque se não trata bem da ballada scandinava, com olhos côr de violeta, alvorecida ao luar, na brancura immaculada dos *fiords*; nem ha n'esta poesia a petulancia da canção berangeriana, ou o sarcasmo do epigramma latino, á André Chenier. É um canto bonacheirão como a fabula, com o scepticismo ligeiro, a graça loira e feminina, a sensibilidade nova e virginal, proce-

dendo um pouco á maneira das comedias poeticas de Shakspeare, e deixando dormir no fundo um vago bom humor de burgomestre apaixonado por tulipas, typico no paiz de Henri Heine, como ess'outro humorismo de Yedo e Nagasaki, que até nas insculturas dos templos abre o seu riso, entre infantilmente surpreso e velhaco. Para estas ineffaveis serenadas, os maiores compositores da Allemanha teem feito musica, Dessauer, Schubert, Shuman: e é um prazer ouvil-as já modificadas ao dizer plebeu, nos trabalhos do campo, nas vindimas do Rheno, no interior das cabanas, ao serão, á sahida da escola, e pelas ruas, nos templos e nas *kermesses*. Henri Blaze, pensando n'uma renovação de moldes para a poesia lyrica franceza, recommendava aclimar-se o *lied* para cá do Rheno. Quanto a nós, João de Deus attingiu admiravelmente este genero de composição, nas *Lôas á Virgem* e no *Era já noite cerrada*, genero que Campoamor sabe vestir com uma graciosa simplicidade. Mas como generalisar hoje uma tal poesia, quando o espirito não tem mais o perfume da adolescencia, e a frescura das edades primaveris?

O lyrismo profundo morre pois falto de condições sociaes que o impulsionem e fecundem. Pode guardar-se d'onde aonde, por um prodigio de cultura, no coração d'alguem d'estes sublimes eremitas, estacionados á margem do tumulto moderno, assim como, n'um frigido paiz, a planta torrida consegue medrar, por excessivos cuidados, na calafetada estufa que lhe ha de ser carcere por toda a vida. Comprehende-se de feito que um homem passeado pela vida artificial dos caffès, dos theatros, das redacções, do parlamento, das salas e das capitaes, esteja authenticamente incapaz de se transfigurar, por exemplo, na *Adoração* que abre as *Folhas soltas* do nosso adoravel João. Quando muito, terá elle mais lapidada a estrofe, desespe-

rando, á força de correcção, os que venham para attingil-o ou imital-o. No fundo porem, o sentimento andar dynamizado ou artificialmente posto em jogo; e em vez do eterno amor dominativo e pantheista, a obra revelar-nos-ha um scepticismo elegante, uma indole romanescas, incapaz de ser dominada pela paixão, um lyrico da decadencia, melhor: um *parnasiano*. Luiz Guimarães  um parnasiano.

Parnasiano, disse eu, como Armand Silvestre e como Theodoro de Bainville, no esforço de renascença poetica do Portugal contemporaneo. Desde que a funco critica da analyse se tornou inicio e fundamento de toda a educação actual, o nosso tempo destronou a inspiração pela reflexão, e substituiu os prophetas pelos sabios. Os mesmos poetas começaram d'escrever em prosa os seus poemas, primeiro que os fossem instrumentando nas cadencias musicas do metro; e forraram d'uma utopia ou d'uma idea philosophica todos os assumptos que se propozeram vestir na purpura dos rythmos poeticos. Ides suppo que uma arte assim crucificada sobre a reflexão, não tenha podido ser fecunda em creaes de grande folego — senão comece d'estiolar-se em bastardias pallidas, de cujas ramificações provenham livros inexpressivos, doentios, impertinentes, hysterisados n'um bysanthinismo de requinte, e de todo o ponto exangues porque lhes falte a paixão. No romance, o *A Rebours* e a *Manette Salomon*. Em poesia, as *Nevroses* e os *Soirs Moroses*. Seja. Entanto, uma tal arte photographa a alma actual. Primeiro,  adoravel como entidade: tem a subtileza hypocrita, a affectao elegante, uma esplendida *toilette*: e mente bem, e  delicioso, hão de confessar, ser-se illudido por uma creaturinha d'aquella provocadora distincção. Depois, tudo n'ella vem pautado e rescendendo a *mise-en-scene*, o menor gesto que ella esboce, a mais li-

geira palavra que ella diga, o amor, o odio, a nostalgia, o ciume... Não procurem todavia forçar-lhe o limite de sinceridade para que foi feita. Um passo além, desmanchar-lhe-hia a caracterisação de musa olympica : e veriamos por baixo a *griçette* fazendo *pied-de-nez* á galeria.

Se eu quizesse agora inferir do homem physico uma constituição psychologica que viesse explicar-me a obra do artista, tracejaria de Guimarães a longa biographia de esforços, viagens e empreendimentos que o trouxeram coroado principe, volvidos annos, ao doce paiz polar da mais aristocratica das artes, a poesia. A lei de Taine, tão nitidamente scientifica, pela qual se estabelece a mutua dependencia entre uma dada litteratura e uma dada sociedade, dissecar-me-hia esta entidade d'escriptor que irrigaram as influencias fataes da *raça*, do *meio* e do *momento*.

É um americano, movel de phisionomia e de caracter, precipitado, pressentido, ardente, e incapaz de concentrar-se n'um assumpto por mais de algumas horas. D'ahi talvez a sua predilecção pelo soneto. A viveza extranha da sua mascara stereotypa e reflecte a impressionativa feminilidade do seu talento. Tem, na belleza physica d'um tribuno, os olhos terriveis d'um domador de feras : e como as vidraças d'uma galeria de palacio, deixando transudar illuminadas, a magnificencia orgiaca das salas, musicas d'orchestra, e centenaes de pares remoinhando em *cotillons*, assim dirieis que as pupillas d'elle, scintillando entre as iris de fibrilhas freneticas, nos fazem assistir ao carnavao furioso da sua imaginação de sobreexcitado.

Os adocicados d'origem que na pronuncia tem sabido guardar, este homem, por um orgulho talvez de patriota,

e mau grado o afastamento da patria, longos annos, dão-lhe á conversa essa ternura meliflua, e põem no ouvido essa bizarra sensualidade, que fizeram do brasileiro falado um dialecto do portuguez, e contra cuja fixação definitiva na lingua, a litteratura escripta todos os dias protexta, na sua teimosia de ainda insinuar a velha preponderancia portugueza, na constituição da joven nacionalidade (1).

Guimarães sabe a pittoresca impressão que produz falando assim. Aquella *soutache* poetica que a bocca emite articulando os beijos em buraco de flauta, e nos pluraes sifla os *ss* como uma chuva d'orvalho cahida de nectareas de fuchsias, sobre as divinas mãos d'uma mulher: aquellas construcções grammaticaes, onde o pronome precede o verbo, como em *Me disse, Me adora...* e em que os finaes das palavras se retrahem pela omissão dos sufixos caracteristicos, como em *sinhá, cantá* (cantar)... — alvo da troça, aquella *soutache*, na pronuncia d'um grosseiro colono repatriado — na lingua d'um fino artista e na palestra d'uma rapariga de salão, ella quer dizer uma condensação da graça phonetica — introduz modulações, veludosas, caricias, que exornam d'um requinte novo, d'uma incrustação, d'uma *rocaille*, a nossa velha lingua mãe, e por muito tempo deixam na orelha a diffusão da mais voluptuosa symphonia.

Uma tal linguagem parece feita para ser falada em côrtes d'amor: ha n'ella preguiças, começos d'ais, *frou-frous* de roupas, titilações... Cada mestiçagem lhe insinua uma subtil volupia, uma angustia nova e divina: e sentem-se balbuciar na sua trama as virgindades d'uma raça que desperta ainda, sem passado, como as crianças, monossyllabando reminiscencias de sonhos heroicos e trans-

(1) Th. Braga — *Parnaso portuguez moderno*.

lucidos. Agora junte-se a esta feição da lingua, a excelsa gloria da paysagem, que a luz alaga, e a caprichosa natureza sabe vestir em formas fantasiosas, arvores, montes, bahias, catadupas... Lá, onde a calma aberta, e cantam as aves mais extraordinarias da terra, e se ouvem as nupcias da seiva, caule a caule, na mysteriosa alcova das florestas, o espirito, naturalmente exaltado á contemplação, deriva por seu turno na cheia sensual d'esses titanicos e cosmicos amores. Filho de colono, o brasileiro guarda na alma a indefinida nostalgia que vira bruxulear nos olhos dos paes. A mesma criação opulenta que o cerca, o humilha e acaba-brunha: entanto, as paixões d'ella propagam-se-lhe ao sangue em effervescencias insofridas, e um *gulf-stream* de magneticos amplexos o arrasta no vortilhão das monstruosas e sagradas gestações da natureza. Assim, o poeta é lá um producto do clima e do solo, como os fructos, como as flôres. Nem quasi cultival-o é necessario.

Em Luiz Guimarães, está de vêr, todas estas determinantes convergiam a impulsionar-lhe o talento. Em 1869, ao formar-se em direito, na escola de Pernambuco, contava já na bagagem litteraria, dois volumes de versos: *Corymbos*, composições soltas, e o poemeto *Mont'Alverne*. Estou a pensar que *Mont'Alverne* não arrojará o poeta para excessivas culminancias artisticas. Entanto os *Corymbos* illucidam-nos á farta sobre as nativas qualidades da sua inspiração.

Alli pulullam blandicias e ardores d'uma natureza essencialmente amorosa, a que a melancolia presta o seu colorido romantico. Alli bate pulso uma insofrida febre d'ideaes, e ancias de paixão d'onde se vê golfando uma seiva inexgotavel. N'este livro de lyrico, em cujos dictyrambos rebrilham, n'uma especie de petulancia, as indecissas graças da mocidade, edita-se a alma virgem de con-

tactos, d'uma selvageria sincera e d'uma insaciavel virulencia amantetica — alma sonora d'americano, cheia de impetos, onde ao mesmo tempo tivessem deixado ressonancia o gemer da aroponga e o rugir do leão, o cantico e o grito: e entre ambos, toda a vastissima gamma das emoções intercalares.

Vejam os seus livros de prosa, d'essa epocha (1). Elles confirmam as characteristics que nos *Corymbos* apon-tei. De quasi todos eu conheço paginas. A forma é fluida, abundante, irisada d'ornatos, pouco reflectida, evocativa por-rem, e fazendo lembrar pela contextura facil, Julio Machado e Manoel Roussado, seus contemporaneos e amigos. As suas chronicas e phantasias litterarias afiguram-se-me pequeninas obras d'acaso, feitas n'uma aberta de mais serios trabalhos, e brilhando apenas pela ironia benigna, e saltitante esmalte da adjectivação. Nos contos, a intriga decorre para assim dizer do humor occasional do contista, no momento da concepção; typos simples, situações de pura idealidade poetica, dialogos onde o rêcorte litterario predomina: e toda a paysagem de roda, não conseguindo fazer athmosphera intellectual á tensão dramatica do assumpto, que não existe, fica para assim dizer um *motivo* repetido em

(1) Em 72, com vinte e sete annos apenas, Guimarães começou a sua peregrinação diplomatica como addido á embaixada brazileira no Chile, após uma curta vida jornalística no Rio, durante a qual deu á estampa os seguintes volumes em prosa:

Historias para gente alegre, 2 vol. — *Filigranas*, 1 vol. — *Contos sem pretensão*, 1 vol. — *Nocturnos*, 1 vol. — *Curvas e zig-zagues*, 1 vol. — *Biographia do pintor brazileiro Pedro Americo*, 1 vol. — *Biographia do maestro brazileiro Carlos Gomes*, 1 vol.

Em via de publicação, tem o poeta: *Lyra Final*, 1 vol. de versos — *André Vidal*, drama historico brazileiro, em verso. *A Patria do Ideal*, impressões de Roma; 1 vol.

surdina, na orchestra do descriptivo, e avulta no quadro como um pormenor decorativo simplesmente, poetisado, alindado, lembrando os tons lilazes d'um sanguineo visto por traz d'umas lunetas côr d'azul. Entanto a nota amorosa, dominadora do character do artista, attinge aqui por vezes o arroubamento lyrico, emprestando então á narrativa um tom de sinceridade que provoca o interesse. A minha conclusão é pois esta :

O isolamento na patria, entre as uberrimas maravilhas do solo e as visões interiores do seu espirito, tão finalmente idealista, cedo ou tarde teriam arvorado Luiz Guimarães n'um dos mais profundos poetas lyricos do nosso tempo. Tudo leva a profetisar que assim fosse — aquella sua compleição idyllica, o seu poder d'evocação a distancia, uma sensibilidade dolorosa e femeníl, e a phantasia calida extravasando d'invenções. O homem do mundo veio attenuar porem estas primitivas tendencias do doce arrulhador de doloras maviosas. Fluctuações de viagens despolarisaram-lhe o espirito da singeleza nativa : convívios de côrtes e museus, mil acasos emfim do dandysmo diplomatico lhe foram desviando a sinceridade para uma especie de risonho scepticismo.

Em 1880 vamos encontrar Luiz Guimarães na embaixada de Roma. Roma era a ultima estação d'uma serie de residencias que o poeta realizára, junto de todos os centros de intelligencia europea, atravez de cujas maravilhas, podera exercitar as suas faculdades d'artista vibrante e progressivo.

Entre os *Corymbos* e os *Sonetos e Rimas*, de que a primeira edição viu luz em Roma (1880), aquellas via-

jens põem um interegno no furor de publicidade de que Luiz Guimarães parecia accommettido. Mas ao fim d'ellas o americano está transfigurado n'um prodigioso cinzelador de melodias, destro, flexuoso, elegantissimo; sabendo casar as mais raras graças nas mais fidalgas phantasias, e graduando a impressão com um tacto d'actor e gentilhomem a quem não convem desmanchar a linha inpeccavel d'artista. Especialmente Roma, com a sua grande area de monumentos, onde cahem no chão, truncadas sob uma luz d'*atelier*, as memorias de muitas civilisações triumphadoras: Roma antolhar-se-hia ao poeta como a ultima e recapituladora lição d'uma serie de prelecções sobre o bello ideal nas suas profusas revelações atravez da arte. Ella lhe deu ao verso, talvez, uma academia de melhor gosto, nada rigida, nada commum, e salvando-se pela nobreza d'esse *chic* d'ocasião que, passado de moda, invalida e torna ephemeraa obra d'um grande numero d'escriptores.

Venus sem braços! Divinal grandeza!
 Abençoada seja a mão callosa,
 Que te arrancou á entranha criminosa
 Da terra...

Ou como na *Borrallheira*:

Meigos pés pequeninos, delicados
 Como um duplo lilaz, — se os beija-flores
 Vos descobrissem entre as outras flores,
 Que seria de vós, pés adorados!

Luiz Guimarães ficará pois na poesia portugueza como o Massenet do soneto, exasperado de perfeição plastica, e accusando no mordido da forma a paciencia d'um buril seguro do que pretende. O mysterio de seducção da sua

poesia está antes de tudo no modernismo que d'ella res-
 sumbra, e na sua actualidade perante o publico que a com-
 pulsa e lhe dá voga: publico sceptico e *blasé*, que tendo
 visto baquear todas as sortes de cultos e ideaes, lentamente
 foi perdendo a aptidão d'isolar-se em transcendencias de
 sentimento. Nem sempre, nos versos d'elle, a emoção re-
 sultará do sentimento affectivo acordado na alma pela
 idéa dramatica do assumpto, senão por uma convergen-
 cia de melodias exoticas que a linguagem lhe empresta,
 já pela rima, já pela imagem, já pela estridorosa eufonia
 do adjectivo e do metro. É uma emoção que vae ao cere-
 bro antes pelo ouvido do que pelo coração, e que eu de
 melhor grado agradeceria á musica do que á litteratura.
 Poucos livros deixam, como os *Sonetos e Rimas*, recom-
 pôr com mais escrupulosa fidelidade a physiologia artís-
 tica do escriptor, estudar sob que aspectos as coisas o fe-
 rem, e depois vêr como elle faceta e lapida a mais leve
 das suas impressões d'aguarellista — aguia ou albatroz por
 cima da vaga ullulante, um fim de walsa fugindo pela ja-
 nella entreaberta, *silhouettes* de cupulas, escorços de pay-
 sagens, perfis de mulher, qualquer effeito ou qualquer tom
 — para as crystallisar depois no engaste d'um soneto ou
 de meia duzia d'estrofes. Deliciosa maneira artistica, onde
 eu descubro o que de mais puro tem a lingua e a põesia
 de mais plastico; e onde, como n'um cyclorama vertigi-
 noso, scintillam transparencias d'agua entre macissos de
 folhagem, rumores de abelhas e trilos d'aves, zigue-zagues
 de caprichos, acharoados de occaso, nudezes eburneas es-
 tatuas... todas as musicas emfim do universo que respira
 e canta, na plenitude do seu disforme ser. A perfeição
 calma do verso trahe o homem que percorreu os rece-
 ptaculos da grande arte mãe, beijou os nus sublimes de
 Sanzio e Vinci, e conhece de perto o diletantismo canalha

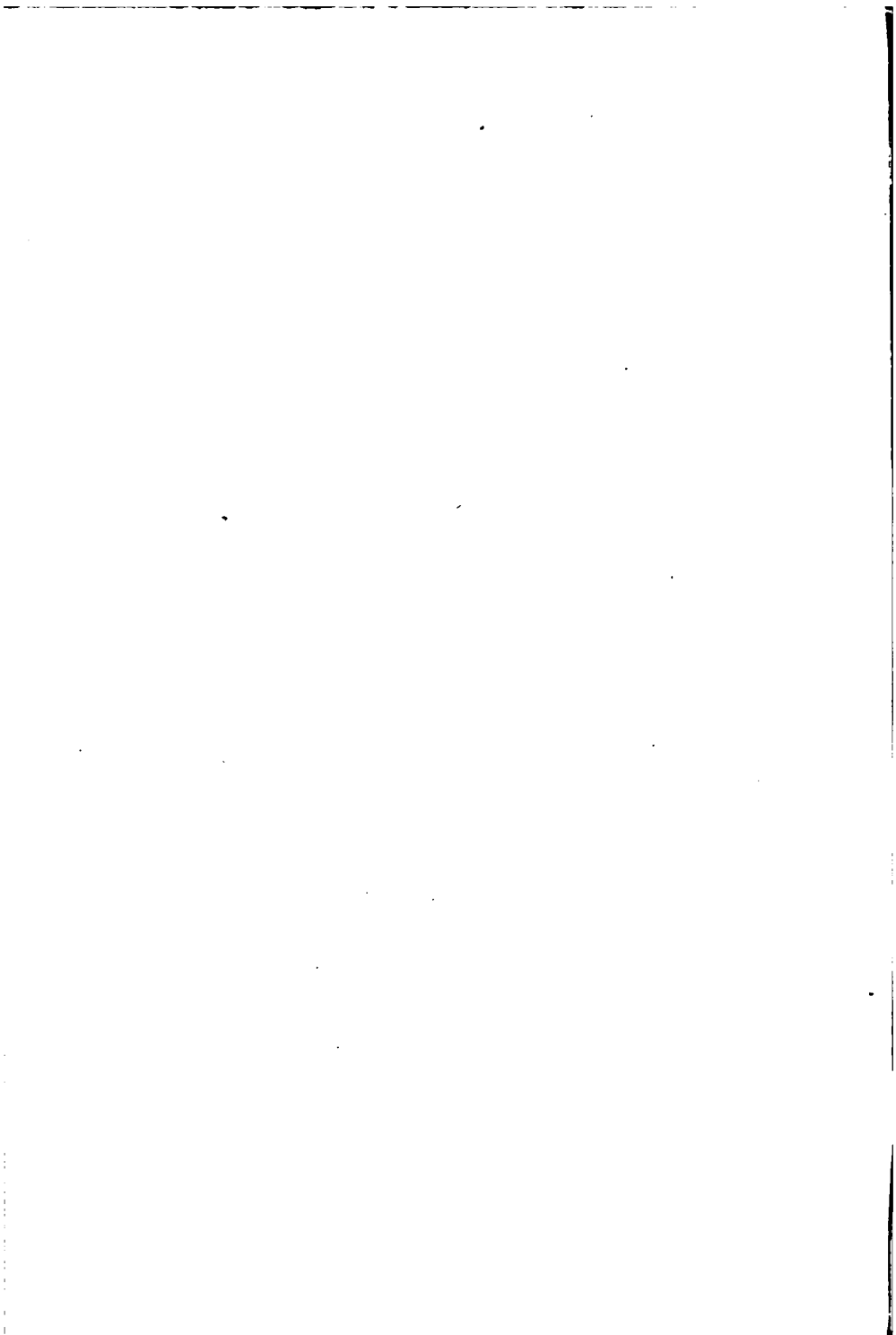
das modernas capitaes. E o verso, assimilando inconscientemente as pomas das deuzas, as musculaturas dos ephobos e dos heroes, transparencias de marinhas cortadas de *steamers*, sorrisos de mulheres e reminiscencias d'ephemeros amores; o verso sae-lhe n'uma correcção esvasada, n'uma largueza d'estylo, lavrando em cada uma d'essas pequeninas obras primas um baixo relevo d'Acropole, fulgurante e divino. Na esculptura de muitos dos sonetos do livro tambem sentirá o leitor a cada instante, inquieta, proeminente, a influencia do *bibelot* na arte d'escrever, que já surprehendera Paris nos primeiros romances dos Goucourts.

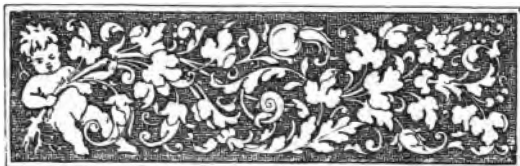
Depuradora do gosto, e dando ao espirito uma percepção mais luminosa, mais dolorosamente incisiva, da vida das coisas, aquella frequentação pelo *bric-à-brac*, das formas d'arte, rebuscadas ou exóticas, desperta alfim na personalidade do escriptor uma rara elegancia suggestiva, e uma singular finura de concordancia esthetica. Estas qualidades são inimigas da violencia, e prohibem no poeta a explosão dos sentimentos extremos: — aquellas grandes coleras dramaticas de que o romantismo tirava effeitos para escravisar as platéas avidas de calafrio. Mesmo, uma preocupação de serenidade aristocratica transluz em todos os promenores da *Lyrice* de Luiz Guimarães. Na sua ironia, por exemplo, que elle attenuou até uma especie de humor benevolo, serpenteando d'uma existencia sem contratempos nem torturas. Na sua voluptuosidade, que é uma especie d'arrulho amoroso, mesmo apesar do seu temperamento escandecido. E aqui e alem, notas criticas, intenções de malicia casta, finuras de desenho encantadoras — como nas *manchas* das procelanas japonezas, familia *roze* ou *vert-celadon*, que sem nervuras salientes, abstrahindo a linha quasi, dão a idéa por massas, n'um

effeito subtil d'abstracção accessivel sómente ás retinas educadas. Este lyrico, gasto pela poesia do coração, educou os olhos para a compensação de descrever, no dia em que já não podesse amar. E n'este ponto o parnasiano fica, com extraordinarias qualidades de paleta e cinzel — um refinado. Que talvez podesse dizer, como o *Charles Demailly* dos Goncourt — *je suis un homme pour qui le monde visible existe.*

FIALHO D'ALMEIDA.







MYSTICISMO

*Á luz do teu sorriso
Meigo como o luar,
Sinto minha alma entrar
No azul do Paraíso ;*

*E junto a Deus diviso
Bella a me contemplar,
Quem ha de me amparar
No dia do Juízo :*

*Oh doce Formosura,
Pura! mil vezes pura!
Emquanto me sorris,*

*Minha alma delirante
Pensa na dôr do Dante
E pensa em Beatriç.*



PRIMEIRA PARTE

Nel mezzo del mio cor Madonna siede,
E qual è la mia vita ella sel vede.

PETRARCA.

Quod spiro et placeo, si placeo, tuum est.

HORACIO — *Ode IV, III, 24.*



CORAÇÃO que bate neste peito
E que bate por ti unicamente,
O coração, outr'ora independente,
Hoje humilde, captivo e satisfeito ;

Quando eu cair, enfim, morto e desfeito,
Quando a hora soar lugubrememente
Do repouso final, — tranquillo e crente
Irá sonhar no derradeiro leito.

E quando um dia fôres commoída
— Branca visão que entre os sepulchros erra, —
Visitar minha funebre guarida,

O coração, que toda em si te encerra,
Sentindo-te chegar, mulher querida,
Palpitará de amor dentro da terra.



O ESQUIFE

Rosa d'amor, rosa purpurea e bella
GARRETT.

COMO é ligeiro o esquife perfumado
Que conduz o teu corpo, oh flôr mimosa!
Mal pousaste entre nós, alma saudosa,
Pouco adejaste, oh cherubim nevado!

E vás descendo ao tumulo sagrado,
Igual á incauta e leve mariposa
— Que sem sentir queimou a aza anciosa
Do mundo vil no fogo profanado.

Mas eu que acabo de te ver perdida
Nos abysmos sem fim da Natureza,
Oh minha filha! oh terna flôr cahida!

Eu que perdi contigo a fortaleza,
As illusões, o goso, a crença e a vida,
Ah! eu bem sei quanto esse esquife pesa!

Londres.

O SOMNO DE UM ANJO

QUANDO ella dorme como dorme a estrella
Nos vapores da timida alvorada,
E a sua doce fronte extasiada
Mais perfeita que um lyrio, e tão singella,

Tão serena, tão lucida, tão bella
Como dos anjos a cabeça amada,
Repousa na cambraia perfumada,
Eu vélo absorto o casto somno d'ella.

E rogo a Deus, emquanto a estrella brilha,
Deus que protege a planta e a flôr obscura
E nos indica do futuro a trilha,

Deus, por quem toda a Creação se humilha,
Que tenha pena d'essa creatura,
D'esse botão de flôr — que é minha filha.

Florença.

FÓRA DA BARRA

Adeus! Adeus! Nas cerrações perdida
Vejo-te apenas, Guanabara altiva...

VARELLA — Ao Rio de Janeiro.

JÁ vamos longe... Os morros bemfasejos
Mettem na bruma os cimos alterosos...
Ventos da tarde, ventos lacrimosos,
Vós sois da Patria os derradeiros beijos!

As alvas plagas, os profundos brejos,
Ficam além, além! Adeus, gostosos
Tormentos do passado! Adeus, oh gosos!
Adeus, oh velhos e infantis desejos!

Na fugitiva luz do sol cadente
Vai-se apagando — ao longe — tristemente
Do Corcovado a magestosa serra:

O mar parece todo um só gemido...
E eu mal sustenho o coração partido,
Oh terra de meus pais! Oh minha terra!

O CRUZEIRO DO SUL

Não vimos mais emfim que mar, e céu.

Os Luçiadás.

Tudo sumiu-se na distancia. . . Agora
Que o tombadilho escuro e socegado,
Convida o amargo espirito exilado
A relembrar a vida, hora por hora :

Minha alma como a sombra gemedora
Das velhas lendas, corre o illuminado
E vasto espaço, apenas animado
Pela vaga do mar alta e sonora ;

Do firmamento esplendido e imponente
Alguem me diz : «Tu voltarás um dia,
Oh coração ! á tua patria ausente !»

E elevo a fronte á abobada sombria :
Era Deus, cujas vozes simplesmente
O Cruzeiro do Sul me repetia.

VISITA À CASA PATERNA

A MINHA IRMÃ ISABEL

COMO a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebroso inverno,
Eu quiz também rever o lar paterno,
O meu primeiro e virginal abrigo :

Entrei. Um genio carinhoso e amigo,
O fantasma talvez do amor materno,
Tomou-me as mãos,— olhou-me, grave e terno,
E, passo a passo, caminhou comigo.

Era esta a sala... (Oh! se me lembro! e quanto!)
Em que da luz nocturna á claridade,
Minhas irmãs e minha mãe... O pranto

Jorrou-me em ondas... Resistir quem hade?
Uma illusão gemia em cada canto,
Chorava em cada canto uma saudade.

A ESMOLA

Vás para o baile, é hora : as fluctuantes
Gazes te envolvem como as nevoas puras
Que os astros vestem nas azues alturas . . .
Vás coberta de gaze e de brilhantes ;

E enquanto espalhas graças deslumbrantes,
Repleta de opulencia e de venturas,
Ha um milhar de pobres creaturas,
Que se estorcem — na noite — agonisantes :

Moças sem pão, creanças magras, nuas,
Cujo supplicio fôra alliviado,
Se quizeses das pallidas mãos tuas,

Num santo gesto, rapido e ignorado,
Deixar cabir na lama d'essas ruas
Um alfinete só do teu toucado.

A MORTE DA AGUIA

A BORDO vinha uma aguia. Era um presente
 Que um potentado, — um certo rei do Oriente,
 Mandava a outro : — um mimo soberano.
 Era uma aguia real. Entre a sombria
 Grade da jaula o seu olhar luzia,
 Profundo e triste como o olhar humano.

Aos balanços do barco ella curvava
 Ao niveo collo a fronte que scismava . .
 E emquanto as ondas turbidas gemiam
 Ao som do vento — em funebres lamentos,
 Ella pensava nos longinquos ventos
 Que do Hymalaia os pinaros varriam.

Fôra uma infame e traiçoeira balla,
Que do regio fusil negra vassalla,
Invisivel — uma aza lhe partira :
Cheia de luz, tranquilla, magestosa,
Dobrando a fronte branca e poderosa,
Aos pés de um rei a aguia real cahira.

Os bonzos vis, propheticos doutores,
Sondando-lhe a ferida e as cruas dores,
Que um venenoso balsamo tentava
Apaziguar em vão, — diziam rindo :
«Não ha no mundo um exemplar mais lindo :
Vale um imperio!» — E a aguia agonisava.

Um dia, emfim, o animal valente
Resistindo aos martyrios, — largamente
Respirou a amplidão. A aza possante
Abrir tentou de novo. Aberta estava
A jaula colossal que o esperava :
Forçoso era partir. Desde esse instante,

A aguia sombria e muda e pensativa,
Solemne martyr, victima captiva,
Terror dos vis, e symbolo dos bravos,
Pedi a morte a Deus, — pedi-a anciosa,
Longe, porém, da côrte vergonhosa
D'esse covarde e baixo rei de escravos.

Pedi a morte a Deus, o cataclismo,
As convulsões electricas do abysmo,
As batalhas finaes ! Morrer num grito
Vibrante, immenso, heroico, soberano,
E fremente rolar no azul do Oceano
Como um titão cahido do infinito.

Morrer livre, cercada de victorias,
Com suas azas — pavilhão de glorias —
Inundadas da luz que o sol espalha :
Ter o fundo do mar por catacumba,
As orações do vento que retumba,
E as cambrains da espuma por mortalha.

Entanto, melancolica, tristonha,
Como um gigante morbido que sonha,
Fitava, ás vezes, o revolto Oceano
Com esse olhar nublado e delirante,
Com que saudava a Cesar triumphante
O moribundo gladiador romano.

O commandante — urso do mar bondoso —
Disse um dia ao escravo rancoroso,
Ao carcereiro estúpido e inclemente:
«Leve-a ao convez. Verá que esse desmaio
Basta para apagal-o um brando raio
Do largo sol no rubido oriente».

Subiu então a jaula ao tombadilho:
Do nato dia o purpurino brilho
Salpicava de luz o céu nevado...
E a aguia elevando a palpebra dormente,
Abriu as azas ao clarão nascente
Como as hastes de um leque illuminado

O mar gemia, lobrego e espumante,
Açoitando o navio; — além — distante,
Nas vaporosas bordas do horisonte,
As matutinas nevoas que ondulavam,
Em suas varias curvas figuravam
Os largos flancos triumphaes de um monte.

«Abra-lhe a porta da prisão,» (ridente
O commandante disse :) «Esta corrente
Para conter-lhe o vôo é mais que forte :
Voar ! pobre infeliz ! causa piedade !
Dê-lhe um momento de ar e liberdade,
Unico meio de a salvar da morte.»

Quando a porta se abriu, — como uma tromba,
Como o invencivel furacão que arromba
Da tempestade as negras barricadas,
A aguia lançou por terra o escravo pasmo,
E, desprendendo um grito de sarcasmo,
Moveu as longas azas espalmadas.

Pairou sobre o navio — immensa e bella —
Como uma branca, uma isolada véla
A demandar um livre e novo mundo;
Crescia o sol nas nuvens refulgentes,
E como um turbilhão de aguias frementes,
Zunia o vento na amplidão, — profundo.

Ella lutou, anciosa ! Atra agonia
Suffocava-a. O escravo lhe estendia
Os miseraveis e covardes braços;
Nú o Oceano ao longe scintillava,
E a rainha do ar, em vão, buscava
Onde pousar os grandes membros lassos.

Sobre o barco pairou ainda, — e alçando,
Alçando mais os vôos, e afogando
Na luz do sol a fronte alvinitente,
Ebria de espaço, ebria de liberdade,
Como um astro que cai da immensidade,
Afundou-se nas ondas de repente.

TEMPERAMENTOS

UMA era loira, ingenua e vergonhosa ;
A outra ardente, lubrica, morena :
Esta era a flor vermelha e voluptuosa,
Aquella um branco lyrio, — uma assucena.

Liam. Cheguei-me como faz um velho,
Um velho e honesto professor de escola :
Vi que a morena lia o Evangelho,
E a loira lia o *Assommoir* de Zola.



MEU PAI

A MINHAS IRMÃS

CAI a floresta, magestosa e triste,
Sob as foices do tempo ; os monumentos
Ruem do inverno aos pavorosos ventos :
Chegou a tua vez, meu Pai ! cahiste.

Mas como o odor que a natureza calma
Deixa no largo bosque desfolhado,
Dentro em meu peito, nú e amargurado,
Deixaste-me, ao partir, toda a tua alma !

Ah ! n'esta terra mortuaria e crua,
Meu Pai ! a vida é um fumo : esvai-se e some,
Só a memoria como a luz fluctua !

Poupe-me a morte que hoje te consome,
Dê-me o Senhor virtude igual á tua,
Que eu talvez seja digno do teu nome.

A VQZ. DAS ARVORES

EMQUANTO os meus olhares fluctuavam,
Seguindo os vôos da erradia mente,
Sob a odorosa cupola fremente
Dos bosques — onde os ventos sussurravam,

Ouvi fallar. As arvores fallavam :
A secular mangeira fielmente
Repetia-me o branco idyllo ardente
Que dois noivos, á tarde, lhe contavam ;

A palmeira narrava-me a innocencia
De um puro e mutuo amor, — sonho que veste
Dos loiros annos a feliz demencia ;

Ouvi o cedro, — o coqueiral agreste,
Mas, excedia a todas a eloquencia
D'uma que não fallava : — era o cypreste.

NOITE TROPICAL

DESCEU a calma noite irradiante
Sobre a floresta e os valles semeados :
Já ninguém ouve os cantos prolongados
Do negro escravo, estúpido e arquejante.

Dorme a fazenda : — apenas hesitante
A voz do cão, em uivos assustados,
Corta o silencio, e vai nos descampados
Perder-se como um grito agonisante.

Rompe o luar, ensanguentado e informe,
Brotam fantasmas da savana nua . . .
E, de repente, um berro desconforme

Parte da matta em que o luar fluctua,
E a onça, abrindo a rubra fauce enorme,
Geme na sombra, contemplando a lua.

NOSTALGIA

Patria! berço d'amor que a alma embala
Em quanto a luz vital nos illumina.

João de Deus.

Que tens? Cruenta dôr, maguas pungentes
Dobram-te a joven fronte esperançosa;
Do Amor acaso a garra imperiosa
Turbou-te o somno? O que tens tu? Que sentes?

Vem! Eu possúo em minhas mãos clementes
O talisman da vida deleitosa:
Vem! Junto a mim, oh alma caprichosa,
Verás romper manhãs resplandecentes:

Dou-te a riqueza, a força, a alta vertigem
Que a eterna Gloria no regaço encerra,
E apagarei dos males teus a origem.

—«Dai-me a vertigem da elevada serra,
Dai-me as riquezas da floresta virgem,
E — sete palmos só de minha terra.»

Londres, 1874.

NATAL

23 de Outubro de 1879

Eil-o feliz, contente, purpurino,
Limpo de maguas, nú de desenganos :
Eil-o no berço, — velho de seis annos,
Sempre a rir, como um Christo pequenino.

Vê como falla o seu olhar divino,
E o seu sorriso brilha ! Os reis humanos
Não são mais fortes — crê — mais soberanos,
Que este mimoso e tímido menino :

Seu berço náda em lagrimas suaves,
Ao som da voz das rumorosas aves,
Dos turbulentos anjos da familia :

E elle, a bater as palmas de alegria,
Nos abençõa : — é seu Natal, seu dia :
Hoje faz annos nosso Amor, Cecilia.

A NOITE DE S. JOÃO

Le streghe in frotte passano;
È la notte, Maria, di S. Giovanni.

PANZACCHI — *Romançe e Cançoni.*

NOITE de S. João ! Quantas legendas
Na terra espalhas ! Noite immensa e bella !
Quereis sentil-a bem e comprehendel-a ?
Ide aos campos do Sul, ide ás fazendas.

Do céo nas alvas e orvalhadas rendas, —
Favorita de Deus — nua resvela
A lua cheia . . . É sua noite aquella !
E das bruchas tambem — dizem as lendas.

Eu livre pensador de grave siso,
Eu que me ria d'essas frioleiras,
Depois que vi, oh flôr do Paraiso,

Brilhar á luz vermelha das fogueiras,
Teu divino semblante num sorriso,
Creio em feitiços, creio em feiticeiras.

OS BOHEMIOS

Os bohemios vão cantando
Pelas estradas reaes,
Emquanto o sol descambando,
Doira as altas cathedraes.

Um d'elles, esfarrapado,
Meneia, aos sons da viola,
Outro, livido e esfaimado,
Faz tinir a castanhola.

As mulheres e os meninos
Seguem na frente a bailar,
Ao som dos estranhos hymnos
D'essa orchestra singular.

Desde a manhã, todo o bando
As ricas villas explora,
E vai, cantando, cantando,
Emquanto a fome o devora.

Por vezes uma criança
Põe-se a tremer e a cahir,
Mas o pae grita-lhe: — dança!
Dança! — e ella dança a sorrir.

Cobertos do pó da estrada,
Semi-nús, magros, sedentos,
Lá vão, em turma agitada,
Os miseraveis, aos centos.

E o rubro sol luminoso
Continúa a desmaiar
Como um nababo amoroso,
Sobre a terra e sobre o mar.

Oh pobres aves sem ninho !
Pobres arabes sem tenda !
Que em vosso negro caminho
A morte não vos surprenda !

Cantai ! cantai, triste bando,
Vossa dorida canção !
Deixai que o mundo execrando
Vos negue o vintem de um pão !

Sois os Poetas da estrada,
Que a eterna febre consome,
Não tendes cama doirada,
Ai não ! nem sequer um nome !

Mas seguis esfarrapados,
Vossos destinos fataes,
Protegidos e amparados
Por secretos Ideaes.

Quem sabe ? Na atroz romagem,
Como celestes visões,
Vos guiam de Homero a Imagem,
E o Fantasma de Camões.

.....
Emquanto o sol descambando.
Doira as altas cathedraes,
Os bohemios vão cantando
Pelas estradas reaes...



LONDRES

COMO um gigante suarento, dorme
Nos pardos mantos d'uma nevoa estranha,
A Cidade opulenta em cuja entranha
Rasteja a fome como um verme enorme.

Dos lampeões á dubia claridade,
Passam, repassam vultos cautelosos :
Este procura no mysterio os gosos,
Procura aquelle um pão, na realidade.

Contra o caes solitario o rio escuro
Geme convulso e espuma, — e novamente
Volta a gemer, de encontro ao velho muro;

Retine o oiro : — véla a Industria ingente,
Cresce a miseria, e augmenta o vicio impuro...
Oh millionaria Londres indigente !

A AVÓ

Ao nocturno clarão da lampada obscura,
A avó, terna sorri, de palpebras cerradas.
Emquanto pelo ar vôam as gargalhadas
D'uma rósea criança, ardente de ventura.

E ella, ao gentil rumor d'aquella travessura,
Cuida ouvir, como um echo, ao longe, outras risadas :
Mas o seu pensamento cai, de azas quebradas,
Sobre a cruz de uma negra e fria sepultura ;

Suffocada de dôr, — abaixa a fronte e chora . . .
O menino a tremer beija-a, e, num gesto, a implora :
E a avó, ao deslizar do pranto que a conforta,

Prende nas magras mãos o risonho innocente,
E como num espelho azul e transparente,
Vê nesse puro olhar sorrir-lhe a filha morta.

SONETO ROMANTICO

SÔAM ao longe as trompas vencedoras ;
 Vibra o *hallali* na matta rumorosa :
 Latem os cães, e a cavalgada airosa
 Das elegantes, fortes caçadoras,

Cabello ao ar, altivas, tentadoras,
 Qual de Diana a escolta poderosa,
 Persegue a fera, e açula jubilosa
 As matilhas crueis e vingadoras.

No emtanto, a castellã, triste e isolada,
 Á sombra dos frondosos arvoredos,
 Pallida, loira, casta e enamorada,

Passeia ouvindo uns matinaes segredos,
 E como a Margarida da ballada,
 Desfolha um malmequer entre os seus dedos.

HORA DE AMOR

REUNIMO-NOS todos no terraço :
A fria lua sobre nós pairava ;
Rescendendo a baunilha, suspirava
A aragem, quente ainda do mormaço.

E Ella pousou o alabastrino braço
Nú sobre o marmor. Seu olhar brilhava
Como a opála ao luar, — e procurava
Os mudos olhos meus, de espaço a espaço.

Uma orchestra, invisível e saudosa,
Cuja harmonia os echos repetiam,
Lançava á noite os ais de Cimarosa :

E quando os mais a musica applaudiam,
Eu, oh madonna minha silenciosa,
Ouvia o que os teus olhos me diziam.

O JAGUAR

ROSNA o fulvo jaguar, triste e dormente,
 No seio da floresta : — a fera inteira
 Dobra á velhice, e a nevoa derradeira
 Cobre-lhe a fauce livida e impotente.

O immundo insecto, a mosca impertinente
 Zumbe-lhe em torno ; — a cobra traiçoeira.
 Fere-lhe a cauda inerte, e a aventureira
 Formiga morde-ò calma e indifferente.

Apenas quebra o somno funerario
 Do velho heroe o grito, entre as folhagens,
 Do cordeiro medroso e solitario ;

Ou, atravez das tropicaes aragens,
 O tropel affastado, intenso e vario
 D'um rebanho de bufalos selvagens.

ARTE POETICA

A POESIA és tu... Não crês? Pois olha :
O sorriso subtil, leve, discreto,
Que em tua bocca limpida se esfolha,
Parece-me um Soneto

Outras vezes, como uma caricia
Roçam te o labio, oh flôr de tentação,
A reticencia aerea da malicia...
E as azas da Canção.

Quando suspiras, e esse olhar magoado
Segue no espaço a luz final do dia,
Eu cuido ouvir n'um fremito -- a teu lado,
Pousar uma Elegia.

E quando alegre, altiva, deslumbrante,
Nas grandes festas teu perfil serpeia,
És a Musa de Byron e de Dante,
És a rubra Epopéa.

ROMA

Nil patrium, nisi nomen, habet romanus alumnus.

· PROPERCIO.

Eis o fantasma excelso e venerando
 Da Cidade que a terra viu pasmada,
 Como a barca de Christo ameaçada,
 Ir nas ondas dos seculos boiando.

Aqui outr'ora a Liberdade armada
 Das victorias do Golgotha baixando,
 O sceptro imperial despedaçando,
 Deu a Roma o buril, a penna e a espada.

Tudo findou. A colossal Senhora
 Dos monarchas da terra — dorme agora
 Entre os seus capiteis abandonados...

É mudo o Fôro, — a Gloria empallidece,
 E a propria voz do bronze que estremece,
 Chora os mortos heroes, — dobra a finados.

DIVA

QUANDO ella, timida e pura,
Como a estrella da Alvorada,
Meiga, languida, enleuada,
Sublime de formosura,

Faz desmaiar os fulgores
Dos salões irradiantes,
Rainha dos diamantes,
Celeste flôr entre as flôres :

Tristonho e desconsolado,
Diz o velho surdamente :
— Como era bello o passado !

Febril, sequioso, ardente,
Brada meu labio agitado :
— Oh ! como é bello o presente !...

JESUS

Astro de amor, baixado á terra um dia
Para aclarar as trevas com teu pranto :
Encarnação do Beijo sacrosanto
Que Deus pousou na fronte de Maria ;

Cedo pagou-te o mundo o que devia,
Pobre rei de Israel ! bem cedo ! — e emquanto
Uns te renegam, — outros o teu manto
Arrastam ebríos pelo chão da orgia.

Por entre as nossas vergonhosas scenas,
Essa divina Imagem, que eu contemplo,
Provoca injurias e desdens apenas :

Oh bello, inutil e immortal Exemplo !
Hoje riem de ti as Magdalenas,
E os vendelhões expulsam-te do templo.

SUPPLICAS MATERNAS

A MILLIONARIA exclama anciosamente :
— Meu Deus ! fazei d'este menino airoso
O mais perfeito ser e o mais glorioso
Que haja creado vossa mão potente.

A miseravel diz timidamente :
— Oh meu Senhor ! o filho desditoso
De minha entranha dolorosa e ardente,
Fazei humilde, pobre e generoso.



SAUDADE DAS MONTANHAS

Aqui em frente d'estes descampados,
Á rude voz dos velhos lavradores,
Porque minha alma pende como as flôres,
Ou como a debil planta dos vallados?

Descamba o sol, aquietam-se os rumores
Da charrúa, da enchada e dos arados;
Os bois enormes pastam socegados;
Despovôam-se o campo e os arredores...

Sinto gemer-me o coração ferido:
Que dôr é esta que meu peito encerra?
Que dôr formou-te, oh intimo gemido?

É que n'estas planicies nuas erra
O fantasma solemne e ennegrecido
Das montanhas azues de minha terra.

O PHAROL

RASGA o navio as aguas encrespadas
Do mar convulso, tenebroso e immenso;
Da noite as azas, o sendal extenso
Cobrem do espaço as nevoas agitadas;

Longe, bem longe — as côres desejadas
Do pharol, entre o céu e o mar suspenso,
Rompem da noite o nevoeiro denso.
Guiando o barco ás plagas afastadas.

Assim tambem seguro caminhando
Vai meu amor em meio dos escolhos,
Tal como o lenho as ondas recortando :

Que importa a dôr, o frio, os crús abrolhos,
Se eu vejo sempre além vir despontando
A clara luz dos teus profundos olhos !

IDILIO

Ao pé da cerca elevada,
Meu cavallo impaciente
Agita a crina orvalhada...
No entanto, amorosamente,

Eu e ella caminhando
Sobre a folha adormecida,
Vamos scismando, scismando,
Como Fausto e Margarida.

Do seu cabelo abundante
O vago e sentido aroma,
Igual ao cheiro hesitante
Dos lyrios d'uma redoma,

Lentamente me fascina,
E eu beijo essa trança preta,
Qual pousam sobre a bonina
As azas da borboleta.

A noite, branca e macia,
Cai silenciosamente :
Mais claro que o claro dia,
Boia o Luar no oriente.

Tudo nos causa quebrantos
E emoções vertiginosas,
A flôr, os astros, os prantos
Das fontes mysteriosas ;

As luciolas fulgentes
Na sombra azul do arvoredado,
E as mornas brisas plangentes
Que passam como um segredo.

Por vezes a sua fronte

Sobre o meu peito descança
Como a estrella no horisonte,
Ou como a vaga, em bonança.

A tremer . . . porque ? ficamos

Estreitamente abraçados,
Na hora em que os curvos ramos
Dos largos bosques copados,

Vão, pouco a pouco, luzindo

Do dia ao primeiro encanto,
E as plantas movem sorrindo
O tenro caule . . . Entretanto

Ao pé da cerca elevada,

Meu cavallo impaciente
Escarva a gramma orvalhada . . .
E a lua cai no poente.

AS ESTRELLAS

BOAS amigas, immortaes estrellas,
Eu vos comparo, oh niveas creaturas,
Ao ver-vos caminhar n'essas Alturas,
A um rebanho de lucidas gazellas.

Bem se assemelha o vosso olhar ao d'ellas,
Ninho de amor e ternas amarguras,
Mas sois mais puras que as gazellas puras,
Boas amigas, immortaes estrellas !

Às vezes, levo as noites, fielmente,
A vos seguir ubi nas nebulosas
Planicies como um cão triste e dormente...

Mas vós fugis de mim ! — silenciosas
Mergulhais no Infinito, de repente,
Como um bando de letras luminosas.

O DANUBIO AZUL

DESÇAMOS ao jardim : dê-me o seu braço,
 — Ella me disse — Este calor me mata !
 E em sua espadua nua um véo de prata
 Luzia : — era o calor, era o cansaço.

Seguimos a alameda conversando :
 Que voz celeste ! que inflexões que tinha !
 Uma voz de contralto e de rainha,
 Ora imponente, ora um murmúrio brando.

E á tibia luz da Aurora que esgarçava
 Da morta noite o solitario vello,
 Toda minha alma, tremula escutava,

Cheia de um longo, — d'um profundo anhello,
 Aquella ardente voz que suspirava
 Como o *Danubio azul* n'um violoncello.

O ARSENAL

DORME o vasto arsenal. As balas apinhadas
Reluzem ao clarão de lampadas distantes :
Agrupados na sombra os pavilhões brilhantes
Deixam cair por terra as azas socegadas.

Dormem, fartas de sangue, as triumphaes espadas
No seio dos broqueis, como um tropel de amantes :
Dos vorazes fuis as pontas lancinantes
Repousam, uma a uma, — ao longo — enfileiradas.

Junto ao ferreo portão — repleto, equilibrado
Sobre a negra carreta — estende-se isolado
O cerbéro da Lei, o vil canhão enorme :

E ao soturno rumor do vendaval do norte
Que penetra-lhe a fauce, o bronzeo cão da morte
Uiva, rosna, ameaça, — e novamente dorme.

MADRUGADA NA ROÇA

DENTRO da sombra matinal os campos
Riem-se ao fresco pranto da Alvorada,
Sobre a planície verde e perfumada
Vôa o bando dos tardos pyrilampos.

O arrieiro, tonto de preguiça,
Desperta apenas : — ao bulir das mattas
Vem misturar-se o echo das cascatas,
E os lentos dobres da primeira missa.

Sob o véo orvalhado os olhos d'ella
Brilham fitando os meus : ao divisal-os,
Cuido que Deus perdeu mais de uma estrella.

Rinham, pulando os nossos dois cavallos,
E atravez da manhã, cheirosa e bella,
Ouve-se o canto festival dos gallos.

A VOZ DE MOËMA

« Ah Diogo cruel ! » disse com magua,
E sem mais vista ser sorveu-se n'agua.

DURÃO — *Caramuri*.

GEMEM as ondas mansamente ; — a quilha
Do barco ondeia, ao som da vaga clara ;
Cai do pharol a luz longínqua e rara,
E a Lua cheia sobre as ondas brilha . . .

Do mar na ardente e luminosa trilha
Nem um batel por estas horas pára :
Sonha a Bahia, ao longe, — a altiva e cara
Filha dos deuses, de Colombo filha.

Tudo silente dorme. O bardo, emtanto,
Que tudo vê, e em tudo colhe o thema
Que amor produz no flaccido quebranto,

Ouve pairar nos ares sons d'um Poema . . .
Ai ! é a voz, — a voz, rouca de pranto,
A triste voz da pallida Moêma !

A bordo do *Senegal*.

D'UM POLO A OUTRO

VEJO-TE ao pé de mim, horas e horas,
 Fitos os olhos nos meus olhos : — vejo
 Teu alvo rosto, e escuto o leve harpejo
 De tuas breves phrases sedutoras.

Ora me ris sómente, ora demoras,
 Toda coberta de sublime pejo,
 E eu sinto, Amiga, do teu casto beijo
 Roçar-me a fronte as azas tentadoras.

Á noite, emquanto as pardas mariposas
 Vôam-me em torno, — e as horas surdamente
 Vibram profundas, longas e piedosas,

Vens procurar-me, tremula, innocente,
 Coroadada de lyrios e de rosas . . .
 E ha quem diga que tu estás ausente !

Santiago do Chile, 1872.

OS ALBATROZES

FERVEM as vagas, os trovões rebôam
Nas roxas nuvens com fragor insano :
E nobres, calmos, sobre o irado Oceano
Os albatrozes em rebanhos vôam.

Os raios silvam, retalhando a espuma,
Uivam os ventos tragicos do norte ;
E as grandes aves, sem temer a morte,
Pousam nas ondas, — sacudindo a pluma.

Vendo-os pensei na sanguinaria lida :
Vi dos heroes a Pleiade arrogante,
De gesto calmo e de estatura erguida,

Em cuja frente, excelsa e gotejante
Das salivas do mundo degradante,
O Genio vôa, desprezando a vida.

DIA DE FINADOS

POR entre as largas filas silenciosas
Das sepulturas mal illuminadas,
Rugem as negras sedas odorosas,
Ao compasso de excéntricas risadas.

As grinaldas, de goivo entrelaçadas,
Á frouxa luz das vélas lacrimosas,
Rolam no pó dos tumulos, — lançadas
Da mesma sorte qual no palco as rosas.

Vão pelas mãos das nobres elegantes
As creanças risonhas, — scintillantes
De uma feroz e estúpida alegria :

Cruzam-se olhares de malícia, — enquanto
Os Mortos sentem gotejar o pranto . . .
Que chora o orvalho quando expira o dia.

OS ESCRAVOS

Eu os lamento, amando-os : — do passado
Nas densas nevoas vejo tristemente,
Como n'um sonho, — a multidão contente
D'esses negros fieis... Ah ! desgraçado

De quem não teve outr'ora o desvellado
Escravo de seus paes, junto ao tremente
Berço em que o nato espirito innocente
Dorme feliz e dorme descaçado.

Por isso, agora, oh debeis protectores,
Quando a vossa figura carcomida
Vem contemplar-me, em meio ás minhas dôres,

Eu me reporto á epocha fugida
Dos amúos, das crenças e das flôres...
E beijo os elos da passada vida.

AMAR E SER AMADA

A LUIZA

Si Satanas pudiese amar
dejara de ser malo.

SANTA THERESA.

APPROXIMEI-ME, e ouvi o que diziam;
— «Sinto, um cruel prazer, disse uma: quando
Vejo-o a meus pés — ridiculo — chorando
Como um mendigo!...» E os labios d'ella riam.

Da outra os meigos olhos se embebiam
No sol distante... A noite ia baixando...
E eu vi que duas lagrimas brilhando,
Por suas faces pallidas cahiam.

Torna a primeira: — «Estupida ventura
A minha! Odiar e ser amada! Chóro
Por vêr-me livre d'essa creatura!

E tu?» — Em vão supplico, em vão o imploro: —
Sei que me odeia, e sou feliz! — «Loucura!»
— Sim! mil vezes feliz porque o adoro!

METAMORPHOSE

Meu coração repleto de esplendores,
Como as grutas fantasticas do Oriente,
Será digno de ti. Por ti sómente
Foi que eu junquei meu coração de flôres.

Por ti despi-o das passadas côres,
Por ti sequei a lagrima pungente
Que gotejava como o orvalho ardente,
Silenciosa — sobre as minhas dôres.

Entra. Percorre estes vergeis risonhos,
Calca a sorrir a terra emmudecida
Onde palpita o mundo dos meus sonhos.

Fica porém attenta e prevenida :
Has de ouvir, muitas vezes, os medonhos
E surdos ais de uma illusão perdida.

PAISAGEM

O DIA frouxo e languido declina
Da Ave Maria ás doces badaladas ;
Em surdo enxame as auras perfumadas
Sobem do valle e descem da collina.

A jurity saudosa o collo inclina
Gemendo entre as paineiras affastadas ;
E além nas pardas serras elevadas
Vê-se da Lua a curva purpurina.

O rebanho e os pastores caminhando
Por entre as altas mattas, lentamente,
Voltam do pasto n'um tranquillo bando ;

Suspira o rio tepido e plangente,
E pelo rio as vozes afinando,
As lavadeiras cantam tristemente.

Petropolis.

VENUS DE MILO

VENUS sem braços! Eternal grandeza!
Abençoada seja a mão callosa,
Que te arrancou á entranha criminosa
Da terra e deu-te a divina Realza!

Dir-se-hia, oh Deus! que a avara Natureza
Enterrando-a no seio mysteriosa
Occultava-a dos homens — invejosa
D'esse prodigio enorme de Belleza.

Não ha flamma no sol, flamma tão bella
Como o raio d'aquelle olhar gelado
Que a Arte dirige em meio da procella:

E o Mundo inteiro curva-se pasmado,
Roja-lhe aos pés marmoreos, — e vê n'Ella
Um sorriso de Deus petrificado.

MATTA VIRGEM

Eu perdi-me na matta immensa e tenebrosa...
O vento que a principio era uma aragem pura,
Transformou-se de prompto,— e a brisa que murmura
Fez-se negro tufão de voz tempestuosa.

Treme o sólo, e a floresta ha pouco silenciosa,
Estorce-se a gemer n'uma cruel tortura;
O passaro fugindo — em vão louco procura
Na convulsão da matta a companheira anciosa.

Range o jequitibá : — os ninhos arrancados
Vôam no turbilhão ; — a cabiúna anceia,
Deslaçam-se os cipós dos troncos derrocados ;

Muge o rouco trovão, toda a floresta arqueia,
E eu, á tremenda voz dos echos espantados,
Tenho pena de mim como d'um grão de areia.

O BOM DOUTOR

O bom doutor, o medico excellente,
Diz ao tomar-lhe o pulso : — «Optimamente :
Vai tudo em mar de rosas.»

A mãe sorri e acerca-se do leito,
Ella sorri tambem, cruzando ao peito,
As duas mãos formosas.

O velho sabio inclina a austera calva,
Espelho da Sciencia : «Ella está salva»
Repete junto á porta.
Mas de repente a mãe correndo á cama,
Grita, recúa, empallidece, chama . . .
A filha estava morta.



O SOL NO M'AR

As grossas ondas quebram n'um gemido
Gemido da alma quando está saudosa :
Uma expira após outra vagarosa
Com um leve, um frouxo, um timido ruido.

Nas fulvas bordas do horisonte unido
Ao mar — á vaga electrica e amargosa —
Vai-se cavando a tumba luminosa
Do Sol, do heroe, do deus nunca vencido.

Rubins, opálas, lyrios e violetas
Jorram do seio augusto e immaculado
Do rei do espaço e Guia dos Poetas...

E como o Cesar, morbido e cansado,
O Sol, colhendo as fulgurantes settas,
Dorme na regia purpura embrulhado.

A BORRALHEIRA

MEIGOS pés pequeninos, delicados
 Como um duplo lilaz, — se os beija-flôres
 Vos descobrissem entre as outras flôres,
 Que seria de vós, pés adorados !

Como dois gemeos sylphos animados,
 Vi-vos hontem pairar entre os fulgores
 Do baile, ariscos, brancos, tentadores . . .
 Mas, ai de mim ! — como os mais pés calçados !

«Calçados como os mais ! que desacato !
 Disse eu — Vou já talhar-lhes um sapato
 Leve, ideal, fantastico, secreto . . .»

Eil-o. Resta saber, Anjo faceiro,
 Se acertou na medida o sapateiro :
 Mimosos pés, calçai este soneto.

MIGUEL ANGELO E MOYSÉS

A R. BERNARDELLI

Escultor Brasileiro

QUANDO arrancaste, oh livido Gigante,
Do inerte e frio bloco inanimado
Essa estatua que o mundo electrizado
Compára ás bronzeas criações do Dante ;

Quando o velho Propheta deslumbrante
Do teu genio surglu, oh Mestre ousado.
Imprimindo-lhe o punho desvairado,
«Falla!» bradaste extatico e offegante.

Ha já tres seculos que o immortal prodigio,
Obra de tuas mãos — resume a historia
Dos teus triumphos e do teu prestigio ;

O proprio tempo, Archanjo da Victoria,
Não lhe deixa na pedra um só vestigio,
E elle não cessa de acclamar-te a Gloria.

PAULO E VIRGINIA

FOMOS um dia alegres, estouvados,
Ao clarão matinal do sol nascente,
Colher as flores do vergel ridente
E as primeiras amoras dos cercados.

Venturosos, risonhos, namorados,
Cada qual mais feliz e mais contente,
Esquecemos a terra inteiramente:
Doidos de amor, de gozo embriagados.

Seus cabellos — enquanto ella corria,
Voavam, loiros como a luz, dispersos!
Eu a chamava e ella me fugia.

Por fim voltámos — em prazer immersos:
E das venturas todas d'esse dia...
Resta a saudade que inspirou meus versos.

O FILHO

A VIDA d'elle era uma gargalhada,
A vida d'ella um pranto. Ella chorava
 Sob o cruel trabalho que a matava,
 Elle ria na tasca enfumaçada.

Jámais nos labios d'ella a aza doirada
 De um sorriso passou; — jámais na cava
 E horrenda face d'elle resvalava
 Sequer de um pranto a perola nevada.

Mas Deus que deu á entranha de Maria
 O Redemptor dos homens, Deus lhes fez
 Uma esmola : — Deus fel-os pais um dia :

E ambos, beijando ao filho os niveos pés,
 Pela primeira vez ella sorria,
 E elle chorou — pela primeira vez.

A CARAVANA

DA agreste lyra aos matinaes harpejos
Foi caminhando, oh bella soberana,
A esperançosa e infinda caravana
Das minhas illusões e dos meus beijos;

Teus largos olhos, d'onde a luz emana,
Eram miragens de ideaes desejos;
E os labios teus — oasis bemfasejos
Cujo fulgor attraí, promette e engana.

E após jornadas cruas e penosas,
As minhas tristes illusões sequiosas
Do teu falsario coração já perto,

Succumbiram, oh perfida tyranna,
Como no Sahra a exhausta caravana
Que procura uma fonte e acha o deserto.

IDADE MEDIA

No seu terraço a pallida rainha
Aos clarões melancolicos do dia
Que transmontava — olhava os céos e ria
Seguindo o vôo azul de uma andorinha.

E o rei lhe disse: — Porque ris sósinha?
Quero saber a causa da alegria
Que te illumina a pallidez sombria:
Em que pensas, oh triste escrava minha?

E sempre a rir como a orvalhada rosa
Quando desponta a Aurora luminosa,
Responde ao rei a pallida rainha:

— Penso que um dia nos azues espaços,
Livre afinal do mundo e dos teus braços,
Minha alma voará como a andorinha.

CANTIGA PARA ADORMECER

A SANTINHA SOBRAL

DORME! No céu os anjinhos
Já dormem também agora,
E na terra os passarinhos
Dentro do musgo dos ninhos,
Enquanto não rompe a aurora.

Dorme! A turba immaculada
Dos sonhos que a infância cria,
Cerca-te a cama nevada
Por Maria abençoada,
Pois que te chamas Maria.

Dorme! É tarde: a Lua algente
No meio do céu caminha...
Dorme teu somno innocente,
Enquanto nós ternamente
Velamos por ti, Santinha.

PARIS

Fluctuat nec mergitur.
— Divisa da Cidade de Paris.

EIL-A! A Cidade esplendida e famosa,
A Princeza da Gallia, — o triumphante
Empório do Universo! Avante! Avante,
Oh alma deslumbrada e aventureosa:

Entra na **multidão** lesta e ruidosa,
Que inunda as ruas como um mar brilhante;
Mergulha as azas n'este sol radiante:
Canta! **respira!** sonha! vive e gosa!...

Paris! Paris! Nenhum poder na terra
Apagará as côres festejadas
D'essa Bandeira que o futuro encerra:

Que importa a inveja e a ira congregadas!
Tu ressuscitas — a voar — **da guerra**
Como a **phenix** das cinzas calcinadas!...

A ALCOVA

A TRAVEZ das cambraias rescendentes
E sobre o azul papel cheio de lyrios,
Vê-se do Christo os olhos innocentes
E a cabeça, crivada de martyrios;

Murcham n'um jarro de ideal opála
As rosas do Japão e as margaridas:
Pairam no ambiente as auras adormidas
Que a aza dos sylphos pela noite exhala...

Sobre o róseo tapête junto ao leito,
Vê-se uma fita; — alem vê-se a botina,
Uma botina, cujo molde estreito
Diz que é do céo o pé d'essa menina.

E o travesseiro, então? E os castos fólhos
D'esse lençol em que ella sonha e gosa,
Quando do somno a garra carinhosa
Cerra a cortina dos seus negros olhos?

E é tal o encanto d'esse mago ambiente,
E tão profundo esse divino encanto,
Que a alma ao sentil-o, — ao mesmo tempo sente
Ondas e mares de sorriso e pranto.

E como os crentes que da falta isentos
Libam as auras de uma Vida nova,
Quem atravessa a porta d'essa alcova,
Santa morada de alvos pensamentos;

Quem vê do Christo a face macilenta,
A cruz eburnea, os cravos sacrosantos,
Nos olhos baços os gelados prantos,
Na roxa boca a perola sangrenta;

Pensa no dia do final Juizo,
De crenças rico, de delicias farto,
E não sabe se aquella alcova é um quarto,
Ou se esse quarto é já o Paraiso.



ODIO

ESTA criança tímida e medrosa,
Obra prima do goso e da ventura,
Esta criança cuja bocca pura
Exhala aromas como o cravo e a rosa;

Esta innocente e loira creatura,
Meiga, gentil, tranquilla, venturosa,
Eu a detesto e odeio! É tão formosa
Que me faz mal a sua formosura :

Pois vêm-me á idéa as noites delirantes
Em que nos braços de outro palpitantes
Geraste as perfeições e encantos d'ella :

Vejo-te o seio louco de desejos,
E parece-me até ouvir os beijos
Dados, cruel ! para a fazer tão bella !

ERNESTO

A MINHA IRMÃ LUIZA

Foste feliz, Ernesto! Deus piedoso
Arrancou-te do Mundo aos revoltosos,
Torpes, pungentes e insensatos gosos
Para dar-te do Céu o eterno goso.

Eras a folha exposta ao vento iroso
Que gera a dôr e fôrma os desditosos:
Por isso Deus teus dias melindrosos
Guardou nas sombras do final repouso.

Dorme e sonha, criança! A eterna Morte
Mitigue e embale o teu sonhar modesto
Longe da humana e perfida cohorte.

Ah! eu que as loucas ambições detesto
Não fui digno de ter a mesma sorte:
Descança em paz; foste feliz, Ernesto.

NHANHÃ

UM dia apresentaram-me. Ella lia
N'um canto do salão.
Deixou cahir aos pés o livro, — e ria
Estendendo-me a mão.

Mão de princeza, fina, delicada,
De tão macio alvor
Qual se a talhára alguma boa fada
No calix de uma flôr.

Era no campo. As auras forasteiras
Suspiravam no ar,
Frescas do grato odor das laranjeiras,
Dos raios do luar.

Surda uma voz ao longe resoava
Em doloridos ais...
Quem canta? perguntei. — Ora! uma escrava!
Disse ella. E nada mais.

Fallou-me então das valsas delirantes
De Strauss e do furor
Dos novos *cotillons*. Disse-me: — D'antes
Valsava-se melhor.

E a voz da escrava como um ai de morte
Adejava ao luar...
— «Li, ha dois dias, n'um jornal da côrte
Que a Patti vae chegar:

Será verdade? Ah! quem me dera! A moda
Renascera emfim!»
E ella, a bater as mãos, ria-se toda
Olhando para mim.

Contemplei melancolico o semblante
D'essa virgem feliz :
Era mais alva que ao luar errante
As pallidas willis;

Era tão doce como a Fantasia
D'um bardo sonhador :
Lamartine colhera uma *Harmonia*
Nos labios d'essa flôr.

E enquanto o seu olhar negro brilhava
Como a onda ao luar,
E a suspirosa aragem derramava
O aroma do pomar;

Emquanto aquella bocca fulgurante
Mais pura que os cristaes,
Repetia-me a chronica elegante
Dos ultimos jornaes;

A voz da escrava — tremula, queixosa,
Expirou na amplidão,
Longa como uma nenia dolorosa,
Triste como a paixão.



A BORDO

Á NOITE a bordo quando tudo dorme
Aos rumores do helice plangente,
Quando o marujo ao leme unicamente
E os pharoes vão guiando o barco enorme,

Eu subo ao tombadilho... Á noite pura
Entrego a fronte : — ás nuvens luminosas
Conto as minhas saudades dolorosas ;
E é para mim uma ideal ventura

Curvar-me sobre o abysmo fumegante,
Rico de maravilhas ignoradas,
Vel-o a meus pés rugir como um gigante,

Sentir do vento as azas agitadas,
E beber como um nectar delirante
A embriaguez das ondas estrelladas.

A VESTAL

A UMA MULHER

Ias vivendo alegre e descuidosa,
Oh virgem alma! — Um dia aos teus ouvidos
Passar sentiste os magicos ruidos
Que a voz do beijo espalha victoriosa.

Essa Harmonia ardente e saborosa
Perturbou como um vinho os teus sentidos...
Viste romper uns soes desconhecidos,
Pobre Vestal! e a fronte ergueste anciosa.

Vibrou enfim a desejada hora,
Hora do amor cruel e fugitiva,
Em que dobrando a fronte, livre outr'ora,

Triste, abatida, em lagrimas, captiva,
Tu soffres a delicia aterradora
De estares sepultada e estares viva.

A BELLA

DISSE o nababo amoroso :
— «Queres-me a mim por esposo ?
Queres ouro ? queres ouro ?
Eil-o a teus pés, e eu te adoro !

Oh bella ! bella entre as bellas !
Tu a melhor das estrellas,
A mais pura das mulheres,
O que desejas, que queres ?

Eu te darei do Levante
As saphyras, o diamante,
O coral que vae surgindo.»

Disse o Poeta sorrindo :
— Eu te dou meu coração !
E a bella estendeu-lhe a mão.

CREDO

MEUS amigos! Eu creio em Deus e no destino
Que do berço nos guia ao derradeiro leito . . .»

(Vozes : — Basta! O orador é suspeito! é suspeito!)

— Fôra o velho ideal! (grita um loiro menino.)

— «Eu creio, amigos meus, n'esse poder divino . . .»

(Vozes : — Fôra o jogral!) . . . N'esse poder eleito
Eterno como o mar, calmo como o Direito . . .»

Vozes : — Não crês também no Bacho purpurino?)

— «Eu creio no porvir (Ouçamos!) que ha de um dia
Como um rio de luz . . . (Champagne e Malvasia!
Bebamos o porvir! — Todos a rir beberam.)

— « . . . Como um rio de luz illuminar o abysmo.

(Gritos : Fôra o truão! fôra o torpe lyrismo!)

— «Creio também nas mães.» (Todos emmudeceram.)

O PIANO

FEBRIL, nervosa, exausta, ella cozia
Ferindo os dedos no trabalho insano ;
Tinha só um desejo : era um piano :
Por isso a pobre nem sequer dormia.

Ganhou chorando a insolita quantia,
Depois de dias longos como um anno,
Que lhe exigiu a usura de um tyranno
Judeu que n'essas illusões não cria.

Quando afinal a escura agua furtada
Veio adornar o mimo cubiçado,
Como a rosa n'um tumulo plantada,

Com o seio ardente, o rosto desmaiado,
Ella pousou-lhe a mão enregelada
E morreu a sorrir sobre o teclado.

A NOIVA

Eu não senti essa cruel vertigem
Que abraza o sangue ante a mulher amada,
Senti cobrir-me o albor da madrugada
Quando, a tremer, tu me sorriste, oh virgem !

Eu não senti a tentação que encanta
E faz crescer o rol dos peccadores,
Senti minha alma se alastrar de flôres
Quando a teus pés me permitteste, oh santa !

E soube enfim quanto se exulta e gosa,
E como Deus enroupa uma alma núa,
Oh prometida e desejada Esposa,

Quando entre os véus em que o amor fluctua,
Tu me disseste candida, medrosa,
Toda banhada de rubor : « sou tua. »

NO ALBUM DE STANISLAU D'ATRI

Artista Romano

D'ESSA dôr saborosa que um Poeta
Chamou « doce pungir de acerbo espinho »,
D'essa lembrança de um perdido ninho,
Travo de mel e carinhosa setta ;

D'essa dôr singular — dupla e secreta :
Macia, ás vezes, como o fresco linho,
Outras vezes terrível como o vinho,
— Aspide occulto em calix de violeta ;

D'essa febre cruel — ardente e fria —
Que envelhece n'um dia a mocidade
Quando a não matta antes do fim do dia ;

D'esse mixto de horror e suavidade,
D'essa doença atroz, meiga, sombria,
Deus te preserve ! Chama-se — Saudade.

REVELAÇÃO

Verum dispeream, nisi amo.

CATULLO — *Lesbia*.

QUERES saber porque te amei e quando
Começou este amor? — Lembras-te ainda
D'aquella tarde vaporosa e linda?...
Ia o sol nas montanhas resvalando.

E emquanto o céu de purpura raiado
Como as azas de um pallio nos cobria,
Emquanto o teu olhar calmo luzia
E me cercava de um fulgor sagrado;

Alguem turbou o virginal socego
A delicia melhor de nossa vida:
Era uma multidão baixa e perdida
Rindo e ultrajando as nobres cans de um cego.

O miseravel quasi moribundo
Faminto, rôto, frio e macilento,
Abria as magras mãos n'esse momento,
Pedindo um pão, um negro pão ao mundo.

Tu, como os Anjos que o Senhor envia
Às desgraçadas victimas da fome,
Tu, oh querida, cujo bello nome
Sôa melhor que o nome de Maria,

Atravessaste a multidão pasmada,
E d'essa mão perfeita e carinhosa,
Como o rocio que alimenta a rosa,
Eu vi cahir... Oh alma enamorada,

Não me perguntes mais se te amo e quando
Começou este amor... Lembra-te ainda
D'aquella tarde vaporosa e linda:
Ia o sol nas montanhas resvalando.

FRENTE A FRENTE

ENCONTRARAM-SE um dia frente a frente
E estremeceram. Suas mãos nevadas
Brandiam duas lípidas espadas,
E o seu olhar fulgia heroicamente.

Disse a primeira, rápida, fremente,
Com o labio em fogo e as faces abrazadas :
« Quem és ? Porque me segues as pisadas ? »
— E tu ? voltou a outra lentamente.

« Eu ? Sou a hydra que jámais descança,
O rubro facho que a discordia atíça,
O horror do velho, o assombro da creança ;

Ninguem se atreve a me affrontar na liça :
Olha-me bem ! eu chamo-me a Vingança ! »
— Treme de mim : eu chamo-me a Justiça ! . . .

AS VOZES DA NOITE

A. A. CARLOS GOMES

A NOITE ia passando, oh Carlos, — luminosa
 Como os dias azues dos tropicos candentes;
 Uma orchestra ideal — das nuvens transparentes
 Cahia sobre o mar — ampla e voluptuosa.

E eu pensava em teu genio, oh alma fulgurosa,
 Oh Mestre! E quando ao longe as ondas reluzentes
 Se enroscavam cantando e iam quebrar trementes,
 Parecia-me ouvir o teu *Salvator Rosa*.

E a Noite ia passando... A lua apaixonada,
 Apaixonada como o olhar do *Guarany*,
 Afastou a sorrir a nuvem estrellada...

E n'esse instante ouvi — distinctamente ouvi
 Suspirar em minha alma, extatica e inspirada,
 A ballada immortal da languida *Cecy*.

A PRIMEIRA ENTREVISTA

ELLA não tarda. Disse-me que vinha :
Mas quem sabe ! Se acaso acontecesse
Qualquer cousa imprevista e não viesse !
Oh Deus do céu ! que situação a minha !

E este relógio vil que não caminha !
E o tempo ! — uma hora apenas e parece
Noite fechada já ! Ah ! se chovesse ! . . .
Mas, não : alguém tocou á campainha,

Alguem subiu veloz a minha escada :
Cuço um rumor de seda machucada
E uns miudinhos, uns nervosos passos . . .

Duvido ainda ! Espreito delirante :
Abro a tremer — e toda palpitante
Ella cai a sorrir entre os meus braços.

VERSOS DE STECCHETTI (1)

ESTALA-ME a cabeça. O espectro ardente
Da ardente febre amargar-mé vem:
Estou sem forças, pallido, doente,
Mas quando penso em ti sinto-me bem.

Mas quando penso em ti cessam as dôres
E as esperanças brotam como flôres.

Quizera a morte para não soffrer,
Mas quando penso em ti quero viver.



(1) Poeta Bolonhez.

HISTORIA DE UM CÃO

CONTADA AO ALTHOR

Eu tive um cão. Chamava-se Velludo :
Magro, asqueroso, revoltante, immundo ;
Para dizer n'uma palavra tudo
Foi o mais feio cão que houve no mundo.

Recebi-o das mãos de um camarada
Na hora da partida. O cão gemendo
Não me queria acompanhar por nada :
Emfim — mau grado seu — o vim trazendo.

O meu amigo cabisbaixo, mudo
Olhava-o... O sol nas ondas se abysmava...
Adeus! — me disse, — e ao affagar Velludo
Nos olhos seus o pranto borbuhlava.

«Trata-o bem. Verás como rasteiro
«Te indicará os mais subtis perigos;
«Adeus! E que este amigo verdadeiro
«Te console no mundo ermo de amigos.»

Velludo a custo habituou-se á vida
Que o destino de novo lhe escolhera;
Sua rugosa palpebra sentida
Chorava o antigo domno que perdera.

Nas longas noites de luar brilhante,
Febril, convulso, tremulo, agitando
A nua cauda — caminhava errante
Á luz da lua — tristemente uivando.

Toussenel, Figuiet e a lista immensa
Dos modernos zoologos doutores
Dizem que o cão é um animal que pensa :
Talvez tenham razão esses senhores.

Lembro-me ainda. Trouxe-me o correio,
Cinco mezes depois, do meu amigo
Um *enveloppe* fartamente cheio :
Era uma carta. Carta ! era um artigo

Contendo a narração miúda e exacta
Da travessia. Dava-me importantes
Noticias do Brazil e de La Plata,
Fallava em rios, arvores gigantes ;

Gabava o *steamer* que o levou ; — dizia
Que ia tentar innumeradas emprezas :
Contava-me tambem que a bordo havia
Mulheres joviaes — todas francezas.

Assombrava-se muito da ligeira
Moralidade que encontrou a bordo :
Citava o caso de uma passageira...
Mil cousas mais de que me não recordo.

Finalmente, por baixo d'isso tudo
Em *nota bene* do melhor cursivo
Recommendava «o pobre do Velludo»
Pedindo a Deus que «o conservasse vivo.»

Emquanto eu lia, o cão tranquillo e attento
Me contemplava, e — creia que é verdade —
Vi, commovido, vi n'esse momento
Seus olhos gotejarem de saudade.

Depois lambeu-me as mãos humildemente,
Estendeu-se a meus pés silencioso
Movendo a cauda, — e adormeceu contente
Farto de um puro e satisfeito goso.

Passou-se o tempo. Finalmente um dia
Vi-me livre d'aquelle companheiro :
Para nada Velludo me servia,
Dei-o á mulher d'um velho carvoeiro.

E respirei! — Graças a Deus! já posso
— Dizia eu — viver n'este bom mundo
Sem ter que dar diariamente um osso
A um bicho vil, a um feio cão immundo.

Gosto dos animaes, porém prefiro
A essa raça baixa e adúladora
Um alazão inglez, de sella ou tiro,
Ou uma gata branca scismadora.

Mal respirei, porém! Quando dormia
E a negra noite amortalhava tudo,
Sentí que á minha porta alguém batia :
Fui vêr quem era, abri. Era Velludo.

Saltou-me ás mãos, lambeu-me os pés ganindo,
Farejou toda a casa satisfeito ;
E — de cansado — foi rolar dormindo
Como uma pedra — junto do meu leito.

Praguejei furioso. Era execravel
Supportar esse hospede importuno
Que me seguia como o miseravel
Ladrão, ou como um perfido gatuno.

E resolvi-me emfim. Certo, é custoso
Dizel-o em alta voz e confessal-o :
Para livrar-me d'esse cão leproso
Havia um meio só : era matal-o.

Zunia a aza funebre dos ventos,
Ao longe o mar na solidão gemendo,
Arrebatava em uivos e lamentos . . .
De instante a instante ia o tufão crescendo.

Chamei Velludo, elle seguiu-me. Emtanto

A fremente borrasca me arrancava

Dos frios hombros o revolto manto

E a chuva meus cabellos fustigava.

Despertei um barqueiro. Contra o vento,

Contra as ondas colericas vogámos;

Dava-me força o torvo pensamento :

Peguei n'um remo — e com furor remámos.

Velludo á prôa olhava-me choroso

Como o cordeiro no final momento :

Embora! Era fatal! Era forçoso

Livrar-me emfim d'esse animal nojento :

No largo mar ergui-o nos meus braços

E arremessei-o ás ondas de repente. . .

Elle moveu gemendo os membros lassos

Lutando contra a morte. Era pungente.

Voltei á terra, — entrei em casa. O vento
Zunia sempre na amplidão — profundo,
E pareceu-me ouvir o atroz lamento
De Velludo nas ondas moribundo.

Mas ao despir dos hombros meus o manto
Notei — oh grande dor! — haver perdido
Uma reliquia que eu presava tanto!
Era um cordão de prata: — eu tinha-o unido

Contra o meu coração constantemente
E o conservava no maior recato,
Pois minha mãe me dera essa corrente
E, suspenso á corrente, o seu retrato.

Certo cahira além no mar profundo
No eterno abysmo que devora tudo;
E foi o cão, foi esse cão immundo
A causa do meu mal! Ah! se Velludo

Duas vidas tivera, — duas vidas
Eu arrancara áquella besta morta!
E aquellas vis entranhas corrompidas!
Nisto senti uivar á minha porta.

Corri, — abri. Era Velludo! Arfava:
Estendeu-se a meus pés, — e docemente
Deixou cahir da boca que espumava
A medalha suspensa da corrente.

Fôra crível, oh Deus? — Ajoelhado
Junto do cão, — estupefacto, absorto,
Palpei-lhe o corpo: estava enregelado;
Sacudi-o, chamei-o! Estava morto.»



CONFITEOR

A O MAR, aos astros, aos ventos
E á mais recatada flor,
Eu já contei meu amor
E os meus occultos tormentos.

A humanidade indiscreta
Ouviu-o dos labios meus;
Narrei-o aos anjos e a Deus
Com minha voz de Poeta.

Amo! amo! amo! amo!
Por toda a parte o proclamo,
Por todo o mundo o espalhei:

Mas junto d'Ella emmudeço:
Córo, esfrio, empallideço...
Quero dizer-lh'o e não sei

VENEZA

Não és a mesma, oh flor de *morbidezza*,
Rainha do Adriatico! Brilhante
Jordão de amor, onde Musset errante
Bebeu em ondas a lustral belleza.

Já não possues, oh triumphal Veneza,
O teu sorriso — olympico diamante,
Que se engastou do lord bardo amante
Na fronte heroica de immortal grandeza.

Tua escura laguna já não sente
Da antiga serenata o som plangente,
E os soluços de amor que nos teus barcos

Exhalava a patricia voluptuosa...
Resta-te apenas a canção saudosa
Das gemedoras pombas de São Marcos.

O ENTERRO CIVIL

VAI-CAMINHO do olvido — a turba luctuosa...
Sopra o vento do outomno. As tochas vacillando
Pendidas para o chão, — consomem-se chorando
Como a ausente viuva, a martyr dolorosa.

No velludo do esquife a chamma nebulosa
Roça, brilha e se esvai, e o coche caminhando
Transporta ao cemiterio o espolio miserando
D'aquelle que viveu, e que afinal repousa.

Os amigos fieis, em tom grave e pausado,
Relembrando do morto as acções, o passado,
Dizem alçando a voz: — «Foi um homem de bem,

Um livre pensador, um coração valente,
Seja-lhe a terra leve e Deus omnipotente
Dê-lhe um lugar no céu...» Grita um garoto: Amen!

O COLISEU

EMQUANTO a Noite, que a scismar ensina,
Caminhava na nuvem ondulosa,
— Sinistra, muda, torva, pavorosa —
Eu me perdi na Imperial Ruína.

Do firmamento o raio baço e escuro
Treme no pó do Circo mortuario;
O Amphitheatro é negro e solitario,
Negro o canal e o condemnado muro.

E eu, abaixando a fronte ennevoada,
Desci ao antro, ao boqueirão do mundo
Onde a purpura dos reis ficou rasg da.

E pareceu-me ouvir um ai profundo,
E ver rolar na treva apavorada
O fantasma do escravo moribundo.

O DERRADEIRO OLHAR QUE NA AGONIA...

La douleur de s'en souvenir:

— CATULLE MENDÉS.

O DERRADEIRO olhar que na agonia
 Me dirigiste, oh mãe, nunca me esquece!
 E quando os olhos volto ao céo, parece
 Que o teu ultimo olhar me aclara e guia.

Se os olhos fecho e a dor que me desola
 Tento abrandar, alliviar procuro,
 Vejo em minha alma o raio longo e puro
 Do teu ultimo olhar que me consola.

Bem dita sejas, luz do meu deserto:
 Olha-me sempre, mãe, da etherea altura,
 Perto dos anjos e das glorias perto;

Olha-me sempre, amada Creatura!
 Com tal pharol não errarei decerto
 O caminho da tua sepultura.

NERA

I

A os sinistros clarões de Roma que se abysma,
Nero tange feliz a lyra e canta e scisma...
A Cidade convulsa é como um rubro oceano
Que rastejando lambe a purpura ao tyranno.

O tugurio, o palacio, os aureos monumentos
Em negros turbilhões rolam por terra aos centos.
O Tibre espavorido encolhe as aguas turvas
E foge como a serpe em rutilantes curvas.

O escravo moribundo ergue os braços trementes,
Tentando espedaçar do pulso as vis correntes;
E atravez d'esse horror, d'essa infernal ruina
Suspira a molle voz do filho de Agripina.

Tranquilla como o audaz e feminil tyranno,
Oh Esphinge de carne, oh bello monstro humano,
Tu vês rojar-te aos pés o escravo que te implora,
Fria como um rochedo, alegre como a Aurora:

O soluço da dor echôa aos teus ouvidos
Doce como um tropel de matinaes ruidos;
E ao som da tua voz, indifferente e calma,
Lavra o fogo do amor que me ateiaste na alma.

187...



A UM RICO QUE PASSAVA...

SENHOR, em nome do céu
Um triste pai vos implora:
Por Deus, por Nossa Senhora,
Ouvi-me, olhai-me: sou eu.

Uma filhinha, uma aurora
— Que doce olhar que era o seu!
Nestes meus braços morreu,
Morreu-me, senhor, agora.

Vós, cujos filhos ridentes,
Dormem fartos e contentes
— Loiros thesouros de amor

Entre nuvens de escumilha, —
Para enterrar minha filha
Dai-me uma esmola, senhor.

AS DUAS FORÇAS

DUAS aguias solennes, magestosas,
Voavam no infinito. Uma estendia
As fortes azas ao clarão do dia;
Movia a outra as azas dolorosas.

Uma — a possante — a Jupiter subia,
Subia a outra ás plantas caridosas
De Deus. E nas espheras luminosas
Uma a Deus, outra a Jupiter dizia :

— Jupiter! dai-me a guerra, a tempestade,
E de um só golpe eu vencerei por fim!
— «Dai-me, oh Senhor, a paz, a liberdade,

E Abel num beijo vencerá Caim.»
Abaixaram então da immensidade :
Uma pousou em França, — outra em Berlim.

SEGUNDA PARTE . .

OS POETAS MORTOS

Dignum laude virum Musa vetat mori.

— HORACIO. — *Od. IV, VIII, 29.*

.... aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando.

— CAMÕES. — *Luçidas, Canto Primeiro.*

La mort est le sacre du génie.

— BALZAC



GONÇALVES DIAS

Descança, oh lutador, que assaz lutaste!
GONÇALVES DIAS — *Canto Inaugural.*

DORME, Poeta. Ao som da voz brilhante
De teu vivo sepulchro, — ao som da forte
Onda do mar: — dorme afinal na morte,
Oh lutador, vencido e triumphante!

Deus, ao te dar o amago arquejante
Do mar, aos ventos lugubres do norte —
Eternizou a tua augusta sorte
Pois fel-a como a vaga eterna e errante.

Repousa emfim no pelago estrellado,
No teu vasto sepulchro illuminado,
Tu que as glorias da vida conquistaste:

Embalado nas molles ondas cerulas
Entre os rubros coraes e as brancas perolas
Descança, oh lutador, que assaz lutaste!



CAZIMIRO DE ABREU

Deus ás tristezas o sorriso enlaça.
 CAZIMIRO DE ABREU. — *As Primaveras.*

COLHE o Senhor ao despontar do dia,
 As madresilvas mal abotoadas,
 E as pobres aves de azas implumadas
 Cede ás cruentas garras da agonia.

Que designios crueis o braço guia
 Do Redemptor? — as flores desfolhadas,
 As crianças descalças e esfaimadas,
 A ave sem ninho, a habitação vazia!

É que uma aurora fulgurante espera
 Quem nesta vida tormentosa e escassa,
 Como o terno cantor da *Primavera*,

Por entre cardos a sorrir perpassa:
 Pois Deus as flores enlaçou á hera,
 Deus ás tristezas o sorriso enlaça.

JUNQUEIRA FREIRE

E vaga e vaga aligera e perdida
 Pelas soidões do firmamento ethereo!
 — J. FREIRE. — *Inspirações do claustro.*

EIL-o por terra — o genio consagrado,
 O pensador do claustro! A larga fronte
 Desceu á campa como além no monte
 Desce do sol o globo inanimado.

Foi-lhe a existencia n'este inglorio mundo
 Uma afflicção em meio de agonias:
 Foram-lhe noites os mais claros dias,
 E viveu como vive um moribundo.

Cobre-lhe agora o seio o pó funereo
 Da sepultura. A lyra emmudecida
 Já não acorda os echos d'esta vida:

Que importa! A alma exulta no mysterio,
 E vaga e vaga aligera e perdida
 Pelas soidões do firmamento ethereo!

ALVARES DE AZEVEDO

Foi poeta — sonhou — e amou na vida.

— A. DE AZEVEDO. — *Lyra dos vinte annos.*

QUEM dorme aqui ao pé das cauarinas,
Sob o cypreste verde e suspiroso,
Este que sonha no final repouso
Dentro da terra cheia de boninas;

— Restea de sol nas nevoas matutinas —
Passou veloz, fulgente, carinhoso,
E só durou o instante esplendoroso
Que dura o orvalho nas manhãs divinas.

Por entre as turbas falsas e descrentes
Elle teceu a lenda incomprendida
Das lyras santas e das harpas crentes...

Chorai, chorai, oh multidão descrida,
Quem entre as vossas ambições dementes
Foi poeta — sonhou — e amou na vida.

CASTRO ALVES

E Deus para o poeta o céu desata
Semeado de lagrimas de prata!...

— CASTRO ALVES. — *Espumas Fluctuantes.*

BAIXASTE á campa, sonhador, na hora,
Hora melhor da vida e da Poesia:
Mergulhaste na Noite eterna e fria,
Todo ensopado do orvalhar da aurora.

A Patria, — a triste mãe que te deplora,
Já não sorri, ai não! como sorria:
E que futuro, amigo, promettia
Tua alma brava, esplendida e sonora!

Dorme, porém, feliz e socegado:
O mundo ainda é o mundo gangrenado,
E a dor que te mattou tambem nos matta:

A morte, sim, é o somno immaculado:
E Deus para o poeta o céu desata
Semeado de lagrimas de prata!...

VARELLA

A noite, o orvalho, a viração e a calma.

— VARELLA — *As Selvas.*

ESTE era loiro como a luz coada
Da manhã pelas nuvens ondulantes:
Nos seus olhos azues e fascinantes
Boiava sempre a lagrima ignorada.

Alma por Deus dos anjos exilada,
No mundo apenas rapidos instantes
Pousou — e abrindo as azas delirantes,
Volveu cantando á paternal morada.

Mal seu gentil e angelico instrumento
Modulou entre nós. O firmamento
Cubiçoso esperava o albor d'essa alma; .

E ella fechando o calix de repente
Foi gosar, junto a Deus, eternamente,
A noite, o orvalho, a viração e a calma.

AGRARIO DE MENEZES

Morrer, sim, é melhor. Que val o mundo?

— AGRARIO DE MENEZES. — *Calabar.*

A HORRENDA deusa em cujo negro seio
 Rolam da vida as flores despencadas,
 Cedo chumbou-te as palpebras amadas:
 Bem cedo a morte aniquilar-te veio.

Como brilhava o sol ao meio dia
 Nos teus montes soberbos e vistosos!
 E esses clarões de lua voluptuosos
 No azul de tua olympica Bahia!

Tudo perdeste, e emtanto, oh peregrino,
 Neste sombrio barathro profundo
 • Desejam todos, cré! morrer num hymno:

Que val o corpo? Um trapo vil e immundo:
 A vida é a luta acerba com o destino,
 Morrer, sim, é melhor. Que val o mundo?

FRANCO DE SÁ

Do olhar lampejos mais vivos,
Da lyra canto melhor.

— FRANCO DE SÁ — *O Poeta.*

ELLE estreou nesta vida
Como os bardos do passado,
Cantando ao ar estrellado,
De louros a fronte unguida.

A Fé — o escudo sagrado —
A Crença — a espada luzida —
Cobriam a fronte erguida
Do Pensador inspirado.

Quando seus braços altivos
Na agonia e no estertor
Cahiram frios, captivos,

Desprendia o Sonhador
Do olhar lampejos mais vivos,
Da lyra canto melhor.

LAURINDO RABELLO

Um impossível — a razão escreve,
 Escreve o sentimento outro — impossível.
 — L. RABELLO — *Dous Impossiveis.*

QUANDO por entre os homens divisamos
 Os prophetas da Santa Intelligencia,
 Fortes em sua mystica excellencia
 Como do cedro os gigantesocos ramos;

Em nossa mente e coração pensamos
 Que taes prodigios, que uma tal potencia
 Jámais de Deus a paternal clemencia
 Na lousa arrojará, e acreditamos

Ver o Poeta, envolto em luz e neve,
 Roçar das campas o degrau terrivel
 Sem a Morte o ferir sequer de leve:

Mas, oh terror! oh desengano horrivel!
 Um impossível — a razão escreve,
 Escreve o sentimento outro — impossível.

BRUNO SEABRA

Dormi — vim despertar na sepultura!

— BRUNO SEABRA — *Flores e Fructos.*

A VIDA é um somno máu e tormentoso
 Em cujas sombras a illusão palpita,
 E — como um sonho — velozmente agita
 As brancas azas um mentido Goso.

Dormir, dormir - embora ! Um hymno ethereo
 Que o Poeta a sorrir traduz e escuta,
 Nos diz que breve acabará a luta,
 O combate da Idéa, o atroz mysterio.

Bem o pensaste, oh alma audaz e pura !
 E quando a negra Morte enregelada
 Abriu-te as portas da mansão obscura,

Repetiste, feliz e extasiada,
 Das algemas da vida libertada :
 — Dormi — vim despertar na sepultura !

AURELIANO LESSA

Vem com teus lábios risonhos
 Contar-me os singelos sonhos
 Que em tua alma o céu verteu.

— A. LESSA — *Duas Auroras.*

Tu que cantaste os amores
 E os idílios perfumados,
 Oh lyra dos sons doirados!
 Cordas de luz e de odores;

Pomba maior que os condores,
 Bardo! A meus olhos molhados,
 Que em vão procuram magoados
 Teu mausoleu, entre as flores,

Mostra-te. Desce do céu,
 Vem aos meus cantos tristonhos
 Unir um cântico teu,

Vem com teus lábios risonhos
 Contar-me os singelos sonhos
 Que em tua alma o céu verteu.

JOSÉ DE ALENCAR

No teu regaço, oh Patria angustiosa,
Oh grande Mãe! oh Niobe! consente
Que caia minha lagrima pungente
E suspire minha alma dolorosa;

Tua serena fronte magestosa
Curva-se á terra — livida e plangente:
Perdeste a nivea corda, a fibra argente
De tua agreste Lyra luminosa.

Quem cantará agora esse obscuro
Idilio da floresta, — ingenuo thema
Que elle criou — tão mavioso e puro?

Quem guiará as azas do Poema
Com mais doçura? Oh Bardos do futuro,
Eu vos pergunto em nome de *Iracema!*

PORTO ALEGRE

No horisonte da morte foi perder-se.

— PORTO ALEGRE — Colombo.

COMO a náu soberana a transitoria
Vaga do mar cortando fulgurante,
Tu percorreste o plaino triumphante
De um passado ideal — que é nossa historia.

Teu pavilhão ousado, aberto á Gloria,
Tremulava nos ares flammejante
Como a bandeira augusta do almirante
Que indica á esquadra as plagas da victoria :

Mas o Destino barbaro e implacavel
A cujo imperio o grande e o miseravel,
Gemeos filhos da dor, — vão abater-se,

Oppoz-te ao rumo a eterna penedia :
E a tua náu, Colombo da Harmonia,
No horisonte da morte foi perder-se.

TERCEIRA PARTE

Ora cantando placido y tranquilo,
Ora en trivial lenguaje, ora burlando,
Conforme esté mi humor, porque á él me ajusto,
Y allá van versos donde va mi gusto.

— ESPRONCEDA. — *El Diablo Mundo*. — Canto I.

Si não faço melhor é que não posso.

— MAGALHÃES. — *Antonio José*. — Act. III.



PER AMICA SILENTIA...

Pe'as ondas do tempo arrebatados
Até á morte iremos,
Soltos ao longo do baixel da vida
Os esquecidos remos.

— MACHADO DE ASSIS. — *Noivado.*



EVE singrava a nossa esguia barca :

Fagueiro estava o céu e o mar fagueiro...

Lembras-te? Á prôa a voz do gondoleiro
Cantava uns versos do immortal Petrarca.

A aura marinha a suspirar beijava
As niveas dobras da oscillante vela
Bem como um labio... — e a vela palpitava
Como palpita um seio de donzella.

As magestosas cathedraes erguiam
Os imponentes vultos solitarios;
De longe em longe, os echos repetiam
Quebrados sons de velhos campanarios.

O sol sem raios lento agonisava
Na curva do horisonte... Preguiçosa
A casta Diva pallida esgarçava
Do firmamento a gaze nebulosa...

Sobre o rochedo a pique em alvo bando
As gaivotas pousavam, uma a uma,
E o torvo mar, junto ao rochedo uivando,
As horrifava de alvacenta espuma.

Frouxo, indeciso ainda scintillava
O clarão do pharol na alta collina,
E a Noite como um sonho deslizava
Calma, estrellada, extatica, divina!

E quando a nossa aventureira barca
Ia ondulando sobre a vaga nua,
E o gondoleiro os versos de Petrarca
Lançava aos raios da chorosa Lua,

Minha alma igual á essencia vaporosa
Que a terra exhala quando a noite desce,
Bem como uma alma que viveu na rosa
E torna a Deus como invisível prece,

Voava a ti, oh meu amor! oh pura,
Pura visão dos mais felizes dias:
E tu, repleta de infantil doçura,
Me contemplavas tímida, e sorrias.

O que eu te disse nem o sei agora!
Póde-se acaso lembrar o canto
Que a ave modula na primeira aurora
E o coração em seu primeiro encanto?

O certo é que todo o meu destino
Se transformou por ti... Nesse momento
Erguendo as vozes festivaes d'um hymno,
Perante o largo altar do firmamento,

Minha alma enferma, exanime, descrida,
Oh peregrina flôr do Paraiso,
Bebeu de novo as illusões da vida...
Ao clarão redemptor do teu sorriso.



EVA

A dño ao vel-a nua e illuminada
Pelo celeste olhar omnipotente,
Sorriu, tremeu, chorou, e humildemente
Beijou a fronte á loira desposada.

Eva, entreabrindo a palpebra adórada,
Ao seu divino esposo meigamente
Estende os labios pallidos, tremente
Como a açucena aos lumes da alvorada.

Rezam depois as folhas da Escriptura
Que Eva peccou e o Archanjo vingador
Expulsou-os da edenica planura.

Salve, oh sublime filha do Senhor!
Tu que inventaste o extase, a ternura,
E os crimes todos do primeiro amor!

A HORA DO REPOUSO

O MUNDO inteiro envolvido
No silencio e no abandono,
Descança. Nenhum ruido
Vem turbar-lhe o fundo somno.

As aves dormem; as flores
De sereno borrifadas,
Sonham aos niveos fulgores
Das estrellas afastadas.

Nem um murmurio sómente
Parte o silencio que cobre
A mansarda do indigente
E as dependencias do nobre.

A Noite de aza espalmada
A natureza amortalha...
Só em minha alma acordada
O Pensamento trabalha.

NAUFRAGIO

SULCANDO as ondas, espumantes, bellas
Do verde mar a nau galharda corre:
Tranquillo o dia pouco a pouco morre,
E a Noite assoma á frente das estrellas.

Enfuna o vento o desfraldado panno,
O tempo é calmo, o espaço é todo um prisma:
E de repente a nau pára e se abysma
Nas fauces tórvas e infernaes do Oceano.

Sabeis porque? Ninguem a bordo via
Ao nivel do porão um ponto incerto:
Riam-se á vida e a morte os conduzia.

Ha tambem almas como a nau decerto:
Vê-lhes o mundo a ephemera alegria,
E ellas trazem no seio um cancro aberto.

ENLEVO

QUANDO eu contemplo os olhos teus, oh pura
Obra de Deus num dia abençoado,
Sinto que vôo aos astros, enlaçado,
Preso aos raios da tua formosura.

E uma gostosa e matinal frescura
Tal como um véo de beijos recamado,
Cobre o meu coração fanatisado,
Cego de amor e cego de ventura.

És como a Lua placida e erradia:
Ao teu olhar meu coração ancioso,
Igual aos bosques quando expira o dia,

Repousa envolto num tremente goso,
E a ti se eleva a minha poesia
Bem como a voz d'um rouxinol medroso.

Cintra, 1873.

PAGINA INTIMA

A MINHA MULHER

Ils trébuchent, encore ivres du paradis.

V. Hugo.—*L'Art d'être Grand-Père.*

QUANDO elles vêm saltitantes
Como — entre os floridos ramos —
Os colibris doudejantes
E os travessos gaturamos,

Dizer-me as cousas mimosas
Que Deus ensina ás crianças,
Cousas tecidas de rosas
E bordadas de esperanças,

Phrases, pipillos, blandicias,
Intraduzíveis harpejos,
Que tentam como carícias
E seduzem como beijos:

Sinto-me bom, compassivo,
Grande, fortè, e entusiasta;
Sinto que existo, que vivo:
Sinto-me alegre e me basta.

Pois esses brancos Amores
Allivio dos meus martyrios,
Que afogam as nossas dores
Numa cascata de lyrios,

Essas aves saltitantes,
Esses mimos, esses brilhos,
São nossos beijos errantes,
Cecilia! — são nossos filhos.

CONTRASTE

É MEIA noite. O hymno funerario
Das doze angustias v^oa doloroso
Entre os raios da lua, e magestoso
Rodeia a cruz do velho campanario.

Tudo é silente. O espectro solitario
Do remorso e do amor paira onduloso,
Nas mudas trevas, — arrastando um goso,
Ou as medonhas fimbrias de um sudario.

Mas o Poeta, erguendo a fronte ousada,
Faiscante de limpida alegria
E de virentes illusões ornada,

Ouve a sorrir a lugubre elegia,
Pois em sua alma ardente e deslumbrada
Jorra em ondas a luz: — é meio dia!

A JANGADA

CINCO paus mal seguros e enlaçados
Vão atravez dos ventos tormentosos:
Nelles confiam mais que jubilosos
Dois pescadores nós e desgraçados.

Essa prancha que em saltos arrojados
Corta o mar como os lenhos poderosos,
Resume a vida, a fé — resume os gosos
Dos miseraveis rotos e esfaimados.

Nós tambem, alma minha, as desventuras
Bem conhecemos: — forte e esperançada
Sulcas do mundo o pranto e as vagas duras.

Que importa! A crença é tudo e a morte é nada,
E neste fundo abysmo de amarguras
Uma esperança vale uma jangada.

OLINDA

BRAMIA o lamarão como costuma
No feio inverno; — a lua embaciada,
De procellosas nuvens coroada,
Menos brilhava que do mar a espuma.

Róla em cachões a vaga encapellada,
As estrellas desmaiam uma a uma;
E a ferrea ancora é qual ligeira pluma
Nas convulsivas ondas mergulhada.

Todos contemplam do Recife as luzes:
Mas, oh memoria lucida e vidente,
Com que poder o espirito seduzes!

Era na escura Olinda, — a penitente
Das negras cathedraes e negras cruzes —
Que eu punha os olhos meus saudosamente.

AOS ESTADOS UNIDOS

No Centenario da Independencia

I

MESQUINHO cidadão da America gigante,
Eu venho hoje depôr, oh collossaes Estados,
Nos vossos cem laureis, por Deus entrelaçados,
O meu beijo tambem, mas-ai de mim! distante!

Eis-vos, constellação tranquilla e deslumbrante,
Aclarando de frente os povos congregados:
Saúda a noite ao dia, á aurora os sóes tombados.
E o Mundo que viveu saúda o Mundo infante.

Acabais de nascer: — a vida, em realidade,
Começa para vós, grandes recém-nascidos,
No dia em que fundais de todo a Liberdade

Salve pois! salve, salve, oh campeões ungidos
Vós que o rumo traçais á livre Humanidade,
Unidos pela força e para a gloria unidos.

DUAS SOMBRAS (1)

II

HOJE o norte, hoje o sul do joven continente
Resumem numa só quarenta milhões de almas:
O mundo americano, o heróe das lutas calmas,
Desdobra o pavilhão da Liberdade ingente.

O Amazonas soberbo arqueja de contente,
Quebram vagas azues como um bater de palmas:
Raiou o eterno dia em que todas as almas
Curvam-se ante o fulgor do joven continente.

E como num mysterio excelso e portentoso,
O poeta descobre além, além d'aquella
Estrella, que reluz no céo harmonioso,

Duas sombras que vão suspensas d'outra estrella,
Repetindo a vogar no azul mysterioso:
— Tu com Ella nasceste e eu morri por Ella.

(1) J. WASHINGTON. — A. LINCOLN.

Á MULHER AMERICANA

III

CABE a ti o prazer, a ti, mulher, a gloria
 Que o Mundo electrizado hoje festeja e aclama:
 Nasceu o heróe de ti,— e a grande voz da Fama,
 Echo dos labios teus, vai retumbar na Historia.

Do despotismo um dia a purpura irrisoria
 Tentou - oh! grande dor! - manchar da patria a flamma:
 Teu coração viril que entre martyrios ama,
 Rasgou-se mas pulsou no seio da Victoria.

És a loira criança é a mascula firmeza:
 Nobre, e pura e serena: ora forte, ora terná,
 Semelhante ao destino e igual á Natureza.

Raia nos olhos teus a Inspiração eterna:
 Salve, pois, oh doçura! oh matinal grandeza!
 Salve, nova mulher! Salve, mulher moderna!

Impress: s no *Globo* do Rio — 1873.

A VALSA

PARECE que a orchestra tem alma e que sente:
Dos astros cansados ao morbido olhar,
A musica geme qual gemem no mar
As ondas aos raios da lua plangente.

As gazes ajejam no ar transparente
Bem como as neblinas que bailam no ar;
As sedas murmuram; — tambem ao luar
Murmura das vagas a clamyde algente.

E vós, loucas filhas da dança traidora,
Suspensas ás notas da orchestra que aneia,
Voais como as pombas divinas da Aurora:

Diana entre as nevoas longinquas pranteia,
E aos fiebeis compassos da valsa canora,
Borbulham as ondas morrendo na areia...

A bordo.

ARRULHOS DE NAMORADOS

Não vês aquelle riacho
Que da explanada desceu
E uniu-se á fonte lá abaixo?
Ella és tu, elle sou eu.

« E tu? Vês aquellas palmas
Que enlaçam rijos cipós?
Não serão as nossas almas?
Não são tão iguaes a nós?

— Não vês os grupos formosos
Dos colibris sobre a flôr?
Assim vôam nossos gosos
Libando os favos do amor.

« E tu ? Vês naquelle ramo
Uma ave ? Olha : alli, alli :
Parece gemer : — Eu te amo !
Sou eu gemendo por ti. »

— Assim é : ambos compomos
Na terra um profundo nó :
O que sou eu ? O que somos ?
Dois corpos numa alma só.

1872.



A CANÇÃO DA MORTA

QUANDO eu cingia a veste caprichosa
 Dos sarás opulentos e brilhantes,
 Quando nas minhas gazes roçagantes
 Enfeitiçava a turba rumorosa;

Diziam todos: — Como ella é formosa!
 Que donaires correctos e elegantes!
 E cercavam-me em grupos sussurrantes
 Como as abelhas em redor da rosa.

Porque será que a multidão magoada
 Geme agora de dor e de saudade
 Contemplando-me a fronte engrinaldada?

Nunca tão bella fui na mocidade:
 Eis-me feliz, risonha e amortalhada
 Para as festas azues da Eternidade.

TRANÇAS AMADAS

O cabelo é tal e qual
Um grande manto real.

Cantico dos canticos (1)

TRANÇAS — ai! tranças formosas!
Cabello puro e anelado!
Tão negro, tão perfumado
Como as mattas tenebrosas;

Nas vossas rosas cheirosas^{*}
Eu sinto o aroma orvalhado
Que habita o sizo doirado
Da madresilva e das rosas.

Por isso, amor, quando vejo
Esses escuros novellos
Revoltos, tenho desejo

De aspiral-os, de sorvel-os,
E de morrer como um beijo
Nas ondas dos teus cabellos.

(*) Trad. de João de Deus.

OS OLHOS DE CLEMENCIA

Os labios mentem
Os olhos não.

BOCAGE.

Os OLHOS d'ella, os olhos de Clemencia
São como o infindo azul resplandecente:
Olhos em cuja luz mysticamente
Desponta a estrella d'alva da innocencia.

Nada perturba a calma transparencia
D'esse infantil olhar vago e dormente,
Onde se estampa ainda castamente
Das mãos de Deus a meiga omnipotencia.

Deixa que eu cante, oh anjo, a formosura
Do teu olhar dulcissimo: — entretanto
Cedo virá a hora ingrata e escura

Em que outra voz apregoará o encanto
Dos olhos teus, queimados de amargura,
De amor, de febre e de insensato pranto.

NOCTURNO

Del vostro bel cantar me n'innamoro.

Rispetto Toscano.

CANTA! Parece — quando estás cantando —
Que eu já não sorvo o ar torpe e homicida
Dos tremedaes malditos d'esta vida...
Sinto o meu coração fugir voando...

Ao teu suspiro harmonioso e brando,
Minha alma exulta e goza enternecida
Como a abrasada planta humedecida
Dos orvalhos que a Noite vai chorando;

Ora me levas aos queixosos mares,
Ora á floresta umbrosa e recatada
Onde boiam perfumes e luares...

Oh! canta! Estou a ouvir na madrugada
Os sussurros do rio e dos palmares
De nossa terra, oh companheira amada!...

A GAIVOTA

Das espumosas ondas affrontando
O sal amargo, a alcyone indolente
Move as esguias azas, e contente
Vai sobre as ondas cerulas pairando.

Afflam as auras num suspiro brando,
Descerra o mar a funda entranha ardente,
E a gaivota se eleva, e novamente
Fulgem as aguas como que a tentando.

Assim tambem, oh alma louca e errante,
E vós, oh minhas illusões serenas,
Do mar da vida inhospito e brilhante

Ide por entre as revoltosas scenas,
E não lanceis ao monstro fascinante
As vossas brancas e selvagens pennas.

Bordo do *Niger*.

ASPASIA

Tu és famosa, oh bella, és celebrada
Como as deusas de Lesbos e de Athenas;
Es a rival das lubricas Helenas,
Es a moderna Aspasia idolatrada;

Sobre essa bocca vezes mil beijada,
Folgam do Goso as immortaes phalenas;
Es o thesouro das gostosas penas
Que a humanidade traz escravizada;

Rôla a teus pés o cofre da opulencia,
Um teu sorriso é da fortuna a origem,
Dominas, prendes, matas a consciencia:

No emtanto, ás vezes, uma atroz vertigem.
— « É que nesse momento a Providencia
Vara-me o seio com um olhar de virgem! »

AUTO DA FÉ

QUEIMAI-VOS cartas, expressões mentidas
D'um tempo infausto que não volta mais!
Flores myrradas, abrasai-vos todas!
Ao fogo! ao fogo, tentações fataes!

Tranças manchadas por seu labio impuro,
Ardei tambem nesse voraz clarão!
Falsas memorias e reliquias falsas,
As labaredas vosso asylo são.

Eis o retrato da infiel: tão calma
Como a innocencia e como um anjo está!
Queima-te, imagem fementida e torpe!
Varra-se a luz dos olhos teus! Mas ah!

Dá-me que eu possa contemplal-o ainda,
Fogo insensível de infernal clarão:
Como estes olhos eloquentes fallam!
Como repousa esta serena mão!

Eil-o! Devora-o, mas devora-o rápido,
Pois meu martyrio e meu amor são taes,
Que se uma aragem te apagasse agora,
Ah! eu talvez não te accendera mais!...

1870.



A CAPELLA

Está postada á beira mar : — Um dia,
Ao som da vaga tepida que arfava,
E á morna luz do sol que se alongava
Pela amplidão da areia luzidia ;

Eu penetrei o asylo em que sorria
A mãe de Deus. O padre consagrava
A hostia santa. O incenso fumegava,
E o rosto meu de lagrimas fulgia...

Por isso agora, oh pomba immaculada,
Quando te vejo ao pé de mim tão bella,
Tão risonha, tão branca, tão singela,

Chora minha alma, alegre e ajoelhada,
Como ante o altar da virginal capella,
Da pobre igreja á beira mar postada.

VISÃO

Como se chama?... Acaso se nomeia
A mulher que nos prende a alma erradia?
Marco, Ophelia, Desdémona, Maria,
São varios elos de uma só cadeia.

Leve, tão leve como a rara teia
Que ao mais ligeiro sopro se extravia,
Tão perigosa como a melodia
Dos invisiveis labios da sereia;

Ella deslumbra o mundo ternamente,
E em seu caminho as almas amorosas
Beijam-lhe os pés, num extasi de crente :

Mas que lhe importam queixas dolorosas!
Ella é o orvalho, puro e inconsciente,
Que volta ao céu depois de abrir as rosas.

O VIAJANTE

A SERPA GINTO

QUANDO o vento da tarde refrescava
Os brancos lothos, a palmeira brava
E os capinzães ardentes,
Quando o chacal nos juncos estendido,
Dormia ao melancolico zumbido
Das abelhas luzentes;

Quando as cegonhas, em longinquo bando,
Iam no ethereo quadro desenhando
As fugitivas pennas,
E a doce lua, a triste mãe dos astros,
Derramava uma aurora de alabastros
Entre as nuvens serenas;

Sobre o niveo elephante engrinaldado
 De coraes e rubins, — monstro sagrado
 No Occaso e no Levante, —
 Como visão estranha ella passava,
 E em rodá d'ella alegre caminhava
 Um cortejo brilhante.

Era a princeza Aral, a descendente
 Da mais guerreira tribu, a mais valente
 Das tribus africanas:
 Negra e amorosa como a Noite, — havia
 Nos seus profundos olhos a ardentia
 Das ondas soberanas.

Mais de um guerreiro altivo e poderoso
 Vindo de longes páramos, glorioso
 De louros revestido,
 Tentou roubar-lhe o coração: no emtanto,
 Ella foi surda á gloria, ao rogo, ao pranto,
 E elle partiu vencido.

Nada a attrahia além do seu deserto
Horrendo e immenso, em cujo seio aberto
Ao sol e ás estrellas,
Ruge o leão enorme, e o tigre escuro
Espreita á sombra do covil impuro
O somno das gazellas.

E sempre ao descambar do sol radiante
Sobre o nevado e esplendido elephante
A princeza sorria,
Calcando o pó dos seus reaes.dominios,
Emquanto ao longe, em vagos tons carminios,
Lento expirava o dia.

Agil como a panthera e tão mimosa
Como o botão da fulva tuberosa
Entre os juncaes virentes,
Deslizava-lhe a vida sem que o pranto
Até então lhe profanasse o encanto
Dos olhos transparentes.

Um dia aos seus ouvidos delicados
 Soaram gritos, estrondosos brados
 Da tribu reunida :
 Inquieta a bella, rapida, curiosa,
 Atravessando a turba revoltosa,
 — Alegre e surprehendida —

Viu entre os seus guerreiros arquejantes,
 Vingativos, colericos, possantes,
 Um branco — um forasteiro :
 Firme como o destino elle sorria,
 E o seu olhar heroico parecia
 Lutar com o mundo inteiro.

Mil vezes mais que a scintillante e pura
 Aza da garça era a perfeita alvura
 De sua eburnea fronte ;
 E o seu cabello espesso, ondeante e loiro,
 Brilhava como as alvoradas d'oiro
 No pallido horisonte.

Em sua branca mão nervosa e fina
Luzia ao sol a esbelta carabina
De emblemas esmaltada;
Sob os seus pés — empoeirada e fria —
Uma formosa antilope jazia
No flanco baleada.

— «És a rainha, bem o vejo: és nobre,
Em tua calma fronte o olhar descobre
O mando sobranceiro;
És a Belleza: a tua formosura
Como a da Noite assombra a creatura.»
Começou o estrangeiro.

Igual ao debil nenuphar do lago
Da estiva brisa ao carinhoso afago,
A mesquinha ignorante,
Senhora do deserto livre e infindo,
Estremecia cabisbaixa cuvindo
O loiro viajante.

— «Dos meus perdi-me, ha quasi um dia inteiro,
 E um cão, leal e bravo companheiro
 Que sempre me seguia,
 Morreu de febre no areal ardente:
 Peço-te pois um tecto unicamente
 Até romper o dia.»

Timida a um tempo e magestosa, a filha
 Da grande tribu, a negra maravilha,
 Virgem e soberana,
 Abriu a turba com um sorriso honesto,
 E ao forasteiro offereceu num gesto
 Sua regia cabana.

O sol vibrava as crepitantes settas
 Sobre o areal em fogo: — ageis, inquietas
 As abelhas zumbiam...
 De longe em longe os gritos penetrantes
 D'uma afastada tropa de elephantes
 Os echos repetiam.

E do estrangeiro o somno respeitado,
 Tal como um rio placido e sagrado,
 Que corre em abandono,
 Ninguém ousou quebrar: — fôra punido
 Com supplicios crueis o destemido
 Que lhe turbasse o somno.

Cahiu a tarde, e a noite mansamente
 Desenrolou o véo phosphorecente
 Pela invia grandeza
 Da solidão tremenda e pavorosa...
 No entanto, muda, tremula, chorosa,
 A candida princeza

Scismava... Em que? Num mundo illuminado,
 Todo de loiras fronteas povoado...
 E um turbilhão de scenas
 Jam-lhe na alma exhausta resvalando,
 Á rouca voz do solitario bando
 Das lugubres hyenas.

Ao romper da manhã o forasteiro

Disse-lhe: — e o seu olhar longo e fagueiro

Turbava-a e commovia —

— «Tu merecêras mais que um throno: a terra

Bem poucas almas como a tua encerra:

Deus te salve, Maria.»

Quando do céu na gaze diamantina

Sumiu-se emfim a longa carabina

Do moço viandante,

Ella curvou a fronte dolorida,

Como succede á antilope ferida

E á corsa agonisante.

Nunca mais ao luzir do sol cadente,

Sobre o elephante branco a omnipotente

Princeza acompanhada

Por seus fiéis e innumerous guerreiros,

Foi respirar os halitos primeiros

Da noite embalsamada.

Nunca mais uma flôr, uma esperança
Veio adornar-lhe a fronte, e á semelhança
Do meigo alôes queimado
Pelo simun revolto, ella sentia
Faltar-lhe o sangue e em ancias comprimia
O seio amargurado.

As vezes — só — em frente do deserto,
O seu olhar saudoso, vago e incerto
No espaço se embebia,
E a sua boca tremulante e pura
Repetia com mystica ternura:
«Deus te salve, Maria.»

A tribu inteira em grupos, lacrimosa,
Contemplava-a de longe, e a mão callosa
Do possante guerreiro,
Brandindo a lança — que o furor agita —
Ameaçava a sombra impia e maldita
Do branco aventureiro.

E o dia frouxo e languido expirava :
O sol de mornas vagas inundava
 As solidões medonhas...
E além, além, no ether transparente
Ia-se destacando lentamente
 O vôo das cegonhas.



O PENSAMENTO

UMA pesada e funebre tristeza
Ganhava o espaço, — e a noite magestosa
Noite sem astros, noite procellosa,
Como um remorso enchia a natureza.

Do mar convulso na lethal grandeza
A voz das ondas torva e monstruosa,
Arquejante, sombria, cavernosa,
Lembrava os uivos d'uma hyena presa.

E enquanto o mundo, pavido e sedento,
Acabrunhado de crueis terrores,
Contemplava a tremer o firmamento,

Minha alma, envolta em turbilhões de flores,
Sobre o corcel audaz do Pensamento
Galopava do céu entre os fulgores.

GUITARRA

CANTEI, oh bella, os dotes teus: a lyra
Fiel e meiga a voz me acompanhava,
E a lua, erguendo o manto de saphira,
Parecia escutar o que eu cantava.

Cantei-te o seio languido e alvejante
— Pomba aninhada em flocos de cambraia —
E pareceu-me ouvir naquelle instante
Zelosa a vaga estremecer na praia.

Cantei depois a juvenil fragancia
Dos nossos velhos e gentis folguedos
Na mais sonora e feiticeira estancia;

Cantei o nosso amor e os seus segredos;
Mas quando ia cantar tua constancia...
Quebrou-se a lyra e me cahiu dos dedos.

O COLLAR

QUANDO de tulles coberta
Como os jasmíns orvalhados,
Tu atravessas dos bailes
Os vastos salões doirados;

Sem uma joia, um ornato
Nesse collo virginal,
Sem uma petala d'oiro,
Sem um fio de coral;

Parece que os teus olhares
Pousam cupidos, ardentes,
Nos regaços salpicados
De frias pedras luzentes;

E uma nuvem pezarosa
Ensombra-te o rosto mago,
Como a neblina erradia
Que turba o espelho d'um lago;

Tens zelo talvez, tens zelos
Das milionarias brilhantes,
Que jorram nas loucas valsas
Como um rio de diamantes...

No entanto, nada fulgura
Mais que os teus dotes serenos:
Nua de adornos tu vences,
Oh branca e inocente Venus!

Teus olhos valem saphiras,
Vale perolas teu riso :
E essas joias soberanas
Herdaste-as do Paraiso :

Feliz do noivo que um dia,
Rico de amor e desejos,
Prender-te ao seio de neve...
Um rubro collar de beijos.



MEMORIAS

De mi antiguo dolor recuerdos son.

CAMPO AMOR — *Doloras.*

BAIXAVA a noite: — os morros tristemente
 No fofô azul das nuvens se envolviam....
 Cheios de medo os passaros fugiam,
 Á luz sombria do luar tremente.

Nós estavamos sós. Humildemente
 Os olhos seus meus olhos reflectiam
 Como no lago os astros, e bebiam
 Sua alma fresca, tremula e innocente.

Ao pé de nós um rio suspirava,
 E as roxas folhas do pomar copado
 De espaço a espaço, o vento meneiava.

Seu alvo collo de pudor velado,
 Entre os meus braços como a pomba arfava...
 Calla-te, coração! Tudo é passado.

A UMA CEGA

Imitado do italiano

Não te lastimes, não, bella infeliz,
Por não poderes ver o nosso mundo:
Não vale tanto — crê — nem é jocundo
Como o teu pobre coração te diz.

Não vês os torpes pensamentos vis
Que se agitam do nosso olhar no fundo:
O desejo brutal, o instinto immundo
Que nos domina. Oh cega, és bem feliz.

Varre da mente os gosos com que sonha
Tua insensata e errante fantasia,
Ergue a cabeça livida e tristonha:

No nosso mundo a infamia tripudia
Nua, asquerosa, lubrica, medonha!
Feliz de quem não vê a luz do dia.

Á SOMBRA DOS ALAMOS

Pois nada o attraí aqui? — ella dizia —
Contemple a neve excelsa e triumphal
Que envolve os Andes... Sinta essa poesia!»

Mas eu nas sombras de minha alma via
As verdes serras do paiz natal.

— «Pois nada o prende então — acrescentava —
Nesta patria do amor e do ideal?
Veja que lua!» (e tão formosa estava!)

Mas em minha alma ainda fulgurava
A derradeira benção maternal.

Santiago do Chile — 1872.

INVERNO

Nas noites enregeladas,
Nas cruas noites de inverno,
Teus olhos, oh Bem eterno,
Luzem mais que as alvoradas.

E tuas phrases aladas,
Gostosas como o phalerno,
Me inundam d'um gozo terno,
Oh amada das amadas!

Que importa que ruja o vento
E ao longe rebrame o mar!
Nesse ditoso momento

Eu vejo no teu olhar
Um segundo firmamento,
Cheio d'um novo luar!

Londres.

TRISTE VOLTA

E. PANZACCHI (1)

VOLTEI. Achei fechada a tua porta;
Quizera, ao menos, te apertar a mão;
Pedi noticias tuas e me deram,
Porém tão tristes, tão penosas eram,
Que senti rebentar-me o coração.

Disseram-me, ai de mim, que já não és
Aquella amiga que eu aqui deixei,
A doce amiga que primeiro amei,
E a quem de prantos alaguei os pés.

(1) Poeta Bolonhez.

Disseram-me tambem que és mais formosa
Que és mais formosa do que d'antes eras,
Mas que fugiu de ti a Providencia,
E o melindroso lyrio da innocencia
Não orna mais as tuas primaveras.

Que triste volta! que cruel tormento!
Menos soffrêra eu se á tua porta
Ouvisse alguém dizer nesse momento:
— Não a procures, não: ella está morta.



MISS PERFECTION

ERA mimosa como um fragil lyrio,
 Como um tenro lilaz, como a encantada
 Pery do Oriente — a peregrina fada —
 Ou como Venus — o jasmim do Emyrio.

Jámais a nevoa de um fugaz martyrio
 Turbou-lhe a altiva fronte delicada;
 Pallida ás vezes, sim, d'essa magoada
 D'essa magoada pallidez do cyrio.

Jogava as armas como um paladino;
 Amava as cavalgadas, e o aparato
 Do mundo a enchia de um prazer divino.

Da virgem tinha o nitido recato,
 A timidez, o enleio purpurino,
 Mas... Esse *mas* completa o seu retrato.

Brighton — 1874.

O CEGO

HONTEM meu canto longo e amargurado,
Entre os grupos do povo sussurrante
Vibrou convulso, rouco, soluçante,
Como os queixumes de um adeus magoado.

E quando o humilde cego desgraçado,
Morto de fome e quasi agonisante,
Abria a mão gelada e supplicante,
Uma voz de mulher disse: «Coitado!»

Ah! que eu não possa contemplar-te um dia!
Que eu não te possa ver, casta Maria,
Tal que em meu coração hoje te vejo:

Tu, cuja voz plangente e commovida,
Resôu em minha alma agradecida,
Mais doce ainda que o rumor de um beijo.

À BEIRA-MAR

Le crépuscule est triste et doux comme un adieu.
F. COPPÉE.

O SOL sem raios sobre o mar desmaia:
A Tarde meigamente surpreendida,
Desdobra o manto... A vaga entorpecida
Róla na areia tumida da praia.

O céu é como fulgida cambraia
Que envolve a terra — noiva adormecida —
Ouve-se ao longe os sinos de uma ermida,
E a lua nova no horisonte raia.

Tudo se acalma: — as virginaes estrellas
Rebentam como um turbilhão de flores,
Destacadas de angelicas capellas:

E atravez d'esses magos resplendores,
Vêm aproando á terra as largas vélas
Ao som da voz dos tardos pescadores.

Napoles.

A ESCRAVA

EMQUANTO OS outros negros companheiros
Bailam em frente á lugubre senzala,
E da fausta vivenda a rica sala
Percorre a dança em giros feiticeiros;

Emquanto a noite com seus ais fagueiros
Como um segredo tropical se exhala,
E a quente aragem que a palmeira embala,
Treme na leve rama dos coqueiros;

Emquanto a festa vivida, inclemente,
Louca de febre e graças soberanas,
Prende o senhor e o escravo juntamente:

Ella, fugindo ás emoções tyrannas,
Recorda tristemente, tristemente,
A solidão das noites africanas.

SEÑORITA

Não tem a neve dos Andes
A alvura do rosto seu,
E os seus negros olhos grandes
Fulguram mais do que o céu.

Como a doce *granadina*
Exposta a um raio de luz,
Na boca d'essa menina
Um róseo fulgor transluz.

E os seus ondados cabellos!
Revoltas vagas do mar,
Onde a razão — só de vel-os —
Começa por naufragar.

Não ha decerto belleza
Igual no mundo, — não ha:
Mas, saibamos com certeza,
É boa a menina ou má?

Se não ha sequer um astro
Entre os mais claros de Deus,
Alvo como esse alabastro
Que a envolve em mysticos véus;

Se em seus negros olhos grandes
Fulge um ardente clarão,
... Ha menos gelo nos Andes,
Menos que em seu coração.

Valparaiso — 1872.



A CARTA

A CARTINHA gentil que me escreveste
É um thesouro de erros e bellezas:
Da tua orthographia as incertezas
Dão mais valor ás cousas que disseste.

É um mimo ler-te! E tu não comprehendeste
A altura do teu estro! — as ligeiras
De tua penna valem as grandezas
De Virgilio e Platão que nunca leste.

Pensas que as ricas sabem muito? Cobre
O ouro, verniz da fofa gerarchia,
As miserias d'uma alma vêsga e pobre;

Tu é que és sabia, oh lyrial Maria,
Tu é que és sabia, millionaria e nobre:
Tens coração em vez de orthographia.

BOA VIAGEM

BOA viagem, almas forasteiras!
Ides á India — á terra promettida
Onde a alma se abysma enlanguecida,
Morta de amor — no olhar das bayadeiras.

Ides dormir nas funebres clareiras
Onde ruge a panthera sorprendida;
Onde o clarão da lua entorpecida
Goteja e cai do leque das palmeiras...

E enquanto nós — prudentes creaturas —
Plantamos nesta insipida paragem
O velho tedio e as usuaes venturas,

Vós — ardentes de febre e de coragem,
Colheis a rubra flôr das aventuras:
Deus vos conduza, amigos! Boa viagem.

CANTIGA

Meu coração é um pobre
Um pobresinho sem lar,
Dá-lhe tu que és rica e nobre
A esmola do teu olhar.

Meu peito frio de neve
Se lhe roçar tua mão
Leve, leve, leve, leve,
Arderá como um vulcão.

Meus lábios são dois escravos
Mortos de sede e de dor,
Abelha! tens tantos favos!
Dá-lhes o favo do amor.

E minha alma de precito,
Oh branca filha do céu,
Fal-a voar ao infinito...
Nas azas de um beijo teu.

A GAZELLA

SOBRE um coxim de malvas e de rosas
No regaço do bosque, socegada
Dorme a gazella e sonha... A madrugada
Beija de leve as arvores frondosas...

Sonha que em vasta alfombra de mimosas
Por cristallinas aguas esmaltada,
Folga segura a tribu delicada
Das gazellas ligeiras e formosas.

Subito um grito agudo o espaço agita,
E como o raio cai da tempestade,
A panthera voraz se precipita.

Assim, gazella da alma, oh Mocidade,
Quando tu sonhas sobre ti palpita
A sanguinaria e bruta Realidade.

INCOGNITA

Et vera incessu patuit Dea.
VIRGILIO.

Eu vejo-a sempre no final do dia,
Quando os purpureos focos do occidente
Vão descorando harmoniosamente,
Aos gemedores sons da Ave Maria.

Sua estatura de altivez sombria
Passa na triste e vaga luz do poente,
Como o fantasma, a sombra penitente
Da antiga Musa solitaria e fria.

Direis ao vel-a que uma acerba pena,
Que um martyrio satanico e profundo
Morde-lhe as fibras d'alma e as envenena;

E ella percorre as festas d'este mundo
Com a santa pallidez da Magdalena,
E com o olhar do Christo moribundo.

A UM MILLIONARIO

Dizes que és grande, que és omnipotente,
Que ao teu fulgor a propria natureza
Pasma e recúa, — e é tal tua grandeza
Que abala os céos e a terra juntamente.

Dizes que podes com teu oiro absurdo
Lutar com Deus, oppôr-te á Divindade,
E até, sem a menor difficuldade,
Dar voz ao morto e dar ouvido ao surdo.

Ora, se queres vêr-me, humilde e terno,
Ante essa força monetaria e vasta,
Esse poder que affronta céos e inferno,

Que algema os homens, que o univerno arrasta,
Compra uma cousa, oh Jupiter moderno,
Compra um raio de sol: — é quanto basta.

A LUA NO MAR

CORTA o navio as aguas socegadas:
Repousa o mar, o velho mar bondoso;
No firmamento um ponto luminoso
Apenas fere as nuvens azuladas...

As nocturnas aragens despertadas
— Longos suspiros tremulos de goso —
Beijam do mar o seio poderoso
Como invisiveis e lascivas fadas.

O firmamento, pouco a pouco, brilha;
Sobre a planicie murmurante e maa,
Que o altivo barco soberano trilha,

Como um vulcão de neve que fluctua,
Rompe de todo a eterna maravilha:
A grande, a calma, a solitaria Lua!

O CYSNE

SUA nivea formosura
Encanta languidamente
Como o cysne na corrente:
Macia, ondulante e pura.

Seu labio jamais murmura,
E o seu regaço indolente
Palpita amorosamente,
Oh Deus! como a sepultura!

E quando minha alma anciosa
Cuida que vai escutar
Uma palavra amorosa:

A Formosura sem par
Desliza silenciosa . . .
Bem como um cysne ao luar

O BOI

G. CARDUCCI (1)

AMO-TE, oh manso boi, forte e jocundo,
Quando inundas de paz meu pensamento,
Ou quando — austero como um monumento —
Contemplas o vallado amplo e fecundo.

Gosto de ver-te, auxiliador do mundo,
Emquanto o homem fere-te cruento,
Lhe responderes, não com um vão lamento,
Mas com teu doce olhar, — doce e profundo.

Nessa cansada e tumida narina
Fumega o teu espirito affanoso,
E o teu mugido na amplidão se perde...

Descamba o sol no valle e na campina,
E em teu olhar reflecte-se saudoso
Dos campos o silencio — augusto e verde.

(1) Poeta Bolonhez.

A SERTANEJA

(CANÇÃO DO NORTE)

Ainsi chante au soleil la cigale dorée.

A. DE MUSSET.

Eu sou a virgem morena,
Robusta, lesta, pequena,
Como a cabrita montez;
Vivo cercada de amores,
E Aquelle que fez as flores,
Irmã das flores me fez.

Vinde ver, oh boiadeiros,
Meus vestidos domingueiros,
Meus braços limpos e nús:
Ah! vinde vêr-me enfeitada
Com minha saia engommada,
Com meus tamancos azues.

Sertanejos, sertanejos,
Pedis debalde os meus beijos,
Em vão pedis meu amor!
Eu sou a agreste cotia,
Que se expõe á pontaria,
E ri-se do caçador!

A sertaneja morena
Bonita, forte, pequena,
Não cai na armadilha, não:
A jassanan corre e vôa
Quando vê sobre a lagôa
A sombra do gavião.

Sou orphan, donzella e pobre,
Vistosa telha não cobre
O lar que herdei de meus paes:
Que importa? Vivo contente:
Ser moça, bella e innocente
É ter fortuna de mais!

Quem tece e protege o ninho,
Quem defende o passarinho,
Quem das mãos espalha o bem,
Quem fez o sol e as estrellas,
Dando a virtude ás donzellas
Deu-lhes a força tambem.

A Virgem nunca se esquece
Da mais tosca e simples preçe
Que va ao seio de Deus:
Por cada infeliz que chora
Abre na terra uma aurora,
Crava uma estrella nos ceus.

Sertanejos, sertanejos,
Podeis morrer de desejos
Que eu não me temo de vs!
A sertaneja faceira
 mais que a paca ligeira,
Mais que a andorinha veloz.

Sou viva, arisca, medrosa,
Bem como a onça raivosa
Prompta ao mais leve rumor!
No meu cabelo selvagem
Sente-se a morna bafagem
Das mattas virgens em flôr.

No samba quem puxa a feira
Melhor, melhor que a trigueira
Maravilha dos sertões?
Que peito mais brando ancêa,
Quem mais gentil sapatêa,
Quem piza mais corações?

Ai gentes! ai boiadeiros!
Não sois decerto os primeiros
Que o meu olhar captivou:
D'esta morena a doçura
É como frecha segura:
Peito que encontra — rasgou!

Minha rede é perfumada

Como a folha machucada

Da verde malva maçã:

Nella me embalo sonhando,

E d'ella salto cantando

Quando vem rindo a manhã.

Sonho com jambos e rosas,

Co'as madrugadas formosas

D'este formoso sertão:

Meu sonho é como a canôa,

Que vôa, que vôa e vôa

Nas aguas do ribeirão.

Trago no seio guardado

O rosario abençoado

Que minha mãe me deixou:

Ai! gentes! ai! pastorinhas!

Se estão alvas as continhas

Foi que meu pranto as lavou.

Quem é mais feliz na terra?
Quem mais delicias encerra,
Quem mais feitiços contem?
Vem, moreno boiadeiro,
Desafiar meu pandeiro
Com tua guitarra, — vem!

Raiou domingo! Que festa!
Que barulho na floresta!
Quanto rumor no sertão!
Que céu! que mattas cheirosas!
Quanto perfume nas rosas,
E quantas rosas no chão!

Vinde ouvir-me na guitarra:
Não ha nas brenhas cigarra
Que me acompanhe, — não ha!
Trazei, trazei, boiadeiros,
As violas, os pandeiros,
Os buzios, o maracá.

Eu sou a virgem morena
Robusta, lesta, pequena
Como a cabrita montez;
Vivo cercada de amores,
E Aquelle que fez as flôres
Irmã das flôres me fez.

1869.



LONGE DOS HOMENS

A C.

DEIXEMOS, sim? voar os nossos dias
Como um bando de abelhas sussurrantes:
Ha tanto sol nas illusões fragrantas,
E o nosso amor tem tantas ambrozias!

Que nos importa o mundo? Ouve-me: — d'antes
Eu assisti ás negras alegrias
Da vida sem amor: — fronteas sombrias,
Desejos máus, prazeres degradantes.

Hoje que tu és minha... Ah! se soubesses
Como agradeço a Deus o ter-me aberto
O thesouro das crenças e das preces!

E ter meu passo, vacillante e incerto,
Guiado até que enfim me apparecesses,
Oh palmeira gentil do meu deserto!

O BERÇO E O TUMULO

Eu sou — dizia o berço ao tumulo profundo —
 A mansão da innocencia, a festival guarida:
 Em meu seio de neve é que resplende a vida:
 Eu sou o amor! o amor! . . . E tu, sepulchro immundo,

És a voraz garganta, o abysmo furibundo
 Onde o leve batel, de bussola partida,
 Sente cahir-lhe o leme e a vela descozida:
 Oh morte, és como o tigre, e o teu curral é o mundo.

Respondeu-lhe o sepulchro: - Escuta, emquanto inflammas
 As crueis ambições, os odios, a impiedade,
 Eu acolho em meu seio as iras que derramas:

Dou a flôr, dou o fructo á livida orphandade,
 Despovôo o hospital, varro as immundas camas,
 E aos Poetas sem pão dou a Immortalidade.

CONFIDENCIA

COMO dois cysnes que se vão errantes
D'um quieto lago a vaga azul turbando.
As nossas almas juntas deslizando
Aza com aza, voam semelhantes
Como dois cysnes que se vão errantes.

Ninguem nos pode separar na vida;
Sómente o Creador — Deus tão sómente
Fôra capaz num dia injustamente
De dar-te a morte e me poupar, querida:
Ninguem nos pode separar na vida.

Juntos gozamos, juntos padecemos:

Assim os galhos gemeos medram, crescem
Ao mesmo tempo e a mesma dor padecem;
O que tu soffres ambos nós soffremos:
Juntos gozamos, juntos padecemos.

Ao Firmamento limpido e profundo

Nossas aspirações boas e calmas
Vão ascendendo... Um dia as nossas almas
Subirão abraçadas d'este mundo
Ao Firmamento limpido e profundo.



SATANAZ

QUANDO Satan, o Archanjo fulminado
Pelos Divinas mãos, a creatura
Obra de Deus — encarcerar procura
Entre as bronzeadas muralhas do Pecado,

Explora o mundo inteiro disfarçado:
É o Odio, a Guerra, é a Avareza impura,
A Luxuria venal, a torva e escura
Vingança . . . E o monstro sempre transformado,

A raça humana, estolida e ignorante,
Lança aos martyrios d'um voraz tormento
Mais assombroso que as visões do Dante;

Ah! quando chega a minha vez intento
Salvar-me — Em vão! — o infame nesse instante
É mais atroz ainda: — é o Pensamento!

NO DESERTO

QUANDO a Virgem, fugindo á lança dos sicarios
Unia ao casto seio o redemptor bemdito,
A noite os surpreendeu nos plainos solitarios
Onde Memnon eleva o tronco de granito.

Nem um astro sequer da cupula divina
No profundo docel, nem um vislumbre apenas:
Era a hora em que o vento arqueja entre a ruina,
Aos gritos do chacal e aos uivos das hyenas.

A José, cujos pés em chagas latejavam
Sobre a areia cruel, disse a Virgem Maria :
«Repousemos aqui.» — Seus braços vacillavam —
«Seguiremos depois, quando romper o dia.»

Tacteando na sombra espessa e luctuosa,
José o roto manto ao longo desdobrava :
E a Virgem Mãe de leve, e pallida e medrosa,
Sobre o manto deitou Jesus que resomnava.

«Dorme» disse ao esposo a Virgem brandamente :
«Por nós o doce Pai attento está velando.»
Elle triste inclinou a fronte humildemente,
Ella aos pés de Jesus adormeceu chorando

E sonhou . . . O futuro horrífico e sangrento
Do seu loiro senhor, do seu divino filho,
Drama de pranto e luz — veio nesse momento
Encher-lhe o coração d'um pavoroso brilho.

SORRENTO

Nós chegámos á tarde... Em molle effluvio
A tenue brisa, languida e cansada,
Serzia as ondas da dormente enseada;
Á nossa frente erguia-se o Vesuvio.

Entre as aguas suspenso e o firmamento,
Perdia o sol as derradeiras cores;
Riam, cantando ao longe, os pescadores
E as poeticas filhas de Sorrento.

Lepida a vaga, esmeraldina e bella,
Vinha roçar-te os pés — branda, discreta,
Como a nuvem que roça numa estrella...

Presas a uma dor incognita e secreta,
Pensavas tu talvez em Graziella...
E eu invejava a sorte do Poeta.

A MEU FILHO GABRIEL

6 de março de 1880

HA poucas horas apenas
Que te partiste a voar,
D'este mundo e d'estas penas,
Oh creatura exemplar!

Fugiste á vida traidora
E á nossa vil multidão,
Em busca da infinda Aurora,
Da eterna Consolação.

Risonho, loiro, suave,
Tua mãe viu-te passar
Como um relampago, uma ave
Na lisa face do mar.

Mal tuas azas ethereas
Roçaram do mundo atroz
A podridão e as miserias,
Oh andorinha veloz!

Teus dias foram contados
E breves, oh meu amor,
Como os pistillos doirados
• Da rosa — a divina flor.

Déste á terra ingrata e rude,
No teu fulgido clarão,
A semente da virtude
E a raiz d'um coração:

D'um coração de amianto,
D'uma alma gemea da luz:
Beijo orvalhado de pranto,
Cravo das mãos de Jesus!

E como a flor morre abrindo
As folhas ebricas de mel,
Tu acabaste sorrindo,
Oh meu Anjo Gabriel!

O teu encanto profundo
Deus formara-o para si:
O mundo, este negro mundo
Não era digno de ti.



À RAINHA DE PORTUGAL

Por ocasião da Kermesse

So io ben ch'a voler chiuder in versi
Sue laudi, fora stanco
Chi piú degna la mano a scriver porse.

PETRARCA.

PRINCEZA, vens da Patria irradiante
Que a um tempo concebeu — obra divina —
Tasso, Petrarca, Buonarotti, Dante,
Laura, Eleonora, o Sanzio e a Fornarina.

Symbolisas a Gloria. O Povo inclina
A frente quando passas deslumbrante,
Com o teu fulgor de Estrella no levante
E as tuas graças infantis de ondina . . .

Mas tu és grande, oh triumphal Maria,
Porquê das alvas mãos, dia por dia,
Deixas cahir a esmóla e não te canças:

Como as Madonnas no sendal da Gloria
Irás subindo aos términos da Historia
Numa nuvem de flôres e creanças.

O BEIJO DA MORTA

CRESCE a invernosá noite, um frio intenso
Morde-me as carnes: — livido, gelado,
No leito me ergo... e escuto o desolado
Uivo do Inverno, atroz, convulso, immenso...

Tento dormir. Em vão! Escuto e penso.
Penso na eterna Ausente... Ah! se a meu lado
Ella estivesse! um beijo perfumado!
Um só! me fôra ardente e ideal incenso..

Abre-se então de leve a minha porta:
É Ella! Entrou. Na pallidez da morta
Uma aurora de beijos irradia:

Caminha... chega e diz-me num segredo:
«Une teu rosto ao meu, não tenhas medo:
Venho aquecer-te: — a noite está tão fria!»

NUM TERRAÇO

Como as pombas mansamente
Ao cair das tardes calmas,
Vão repousar juntamente
No ninho odoroso e quente,
Nossas almas

Nossas almas viajantes,
Vão num giro enamorado,
Como as pombas alvejantes,
Pousar nas nuvens distantes
Do passado...



EXTASE

OLHA-ME assim, Madonna... longamente:
 Deixa minha alma em teu olhar piedoso
 Fluctuar num silencio, amplo e radioso,
 Como um navio á terna luz do poente.

Nada me digas: olha-me sómente:
 Assim... Meu coração, ebrio de goso,
 Vai rolando no abysmo luminoso
 No ethereo abysmo d'esse olhar dormente.

A natureza morbida e alquebrada
 Repouza. A eburnea esphera constellada
 Desmaia antes que a Aurora ao longe assome:

E eu, emballado nesse olhar radiante,
 Feliz, absorto, extatico, hesitante...
 Ouço tua alma soletrar meu nome.

GALATHÉA

Mais clara que o claro Empyreo,
Mais loira que o mel cheiroso,
Mais tentadora que um goso
E mais perfeita que um lyrio,

Ella atravéssa indolente
As aureas pompas da vida
Como a garça adormecida
Levada pela corrente...

De suas tranças sedosas
Vôa uma grata mistura
De cravos e tuberosas,

E essa estranha creatura
É no meio das formosas
A Estatua da formosura.

VENUS VICTRIX

De que profundos céos rolou a estrella
 A dupla estrella que em teus olhos mora?
 Qual foi a rósea lagrima da Aurora
 Que se encarnou em tua espadua bella?

Dizem que a Venus Veroneza é a tella
 Onde domina a Forma tentadora:
 Eu, louco artista, vél-a quiz outr'ora,
 Mas depois que te vi não quero vél-a.

O Eterno Deus, o Estatuario ingente
 Burilou-te, a sorrir, a alma innocente,
 E — digno escriptorio que tal gemma encerra —

Pôz em teu corpo dotes aos milhares...
 A propria Venus que surgiu dos mares
 Cede-te a palma a ti, Venus da terra!

AS MÃOS DE BELLA

ESSAS divinas mãos feitas de arminho,
Lyrios, jasmims, anémonas e rosas,
Mãos, cujas palmas finas e unctuosas,
Mais doces são do que o frouxel d'um ninho;

Essas divinas mãos que ao borborinho
Da prece se unem timidas, piedosas,
Mais palpitantes, debeis e medrosas
Que a aza fugaz do tenro passarinho;

Esses milagres de esculptura viva
Que o divino buril na sensitiva
Talhou, — franzinas mãos de anjo e de fada,

Sabem vibrar com gesto soberano
E de chôfre embeber no peito humano
Do heroico Amor a sanguinaria espada.

PAQUITA

Como um fugaz suspiro, um som que passa,
E a flôr pendida antes do fim do dia,
Assim morrêste, oh pallida erradia,
Oh favorita pomba da Desgraça!

Rapida embora, passageira e escassa,
Foi-te a existencia toda uma agonia,
E tua boca tremula sorria
Bebendo a morte na funerea taça.

Abandonada, pobre, humilde, obscura,
Desceste á negra e torva sepultura,
Tu, a formosa deusa entre as formosas:

Ah! que eu não tenha versos como flores
Para a campa te encher de aromas, cores,
Goivos, saudades, lagrimas e rosas!

A ESTATUA

A FERNANDO LEAL

NARREI-LHE o drama de minha alma... Absorta
 Num vago ideal talvez, pallida a bella
 Tinha nos olhos um clarão de estrella...
 Mas no resto do corpo estava morta.

Quando a voz do Poeta canta e exhorta
 Ou vibra como as azas da procella,
 Arrasta céos e mundos... Porém Ella
 Aos meus gemidos respondeu: «Qu'importa?»

Qu'importa! E contemplava me tranquilla
 Aquella ouzada encarnação da argilla,
 Fria, tão fria como a louza fria...

Morto de dor, de desespêro insano,
 Dos meus olhos verti ondas de oceano,
 E Ella — a sereia — entre meus prantos ria.

A LUCINDA SIMÕES

QUANDO percorres a fulgente arena
Da Arte immortal, — ingenua, scismadora,
Tragica, humilde, casta ou peccadora, —
Mas sempre de fulgor e graças plena;

Quando teu labio attráe, morde e envenena
Nos sorrisos fataes da atroz *Leonora*,
Ou quando, fresco e róseo como a Aurora,
De cascatas de luz inunda a scena;

Oh diva! o nosso espirito cansado
Por te seguir os vãos, sente o alado
Grupo de genios na amplidão dispersos:

Grita o teu nome o Povo electrizado,
E o Poeta de subito inspirado,
Lança-te aos pés toda a sua alma em versos!

PROFISSÃO DE FÉ

OVELHO Sacerdote escuta cada dia,
Ruja o vento do inverno ou folgue a estiva aragem,
Perante o humilde altar da sua Freguezia,
Do Deus vivo a palavra. E em face áquella imagem

Nada o distrai. O grito estridulo e selvagem
Da bruta multidão feroz que tripudia,
Não perturba sequer a matinal linguagem
Que o alto campanario ás solidões envia.

Como o Padre fiel — o mystico soldado
Das phalanges de Christo, — o Poeta isolado,
Perante o largo altar das Crenças immortaes,

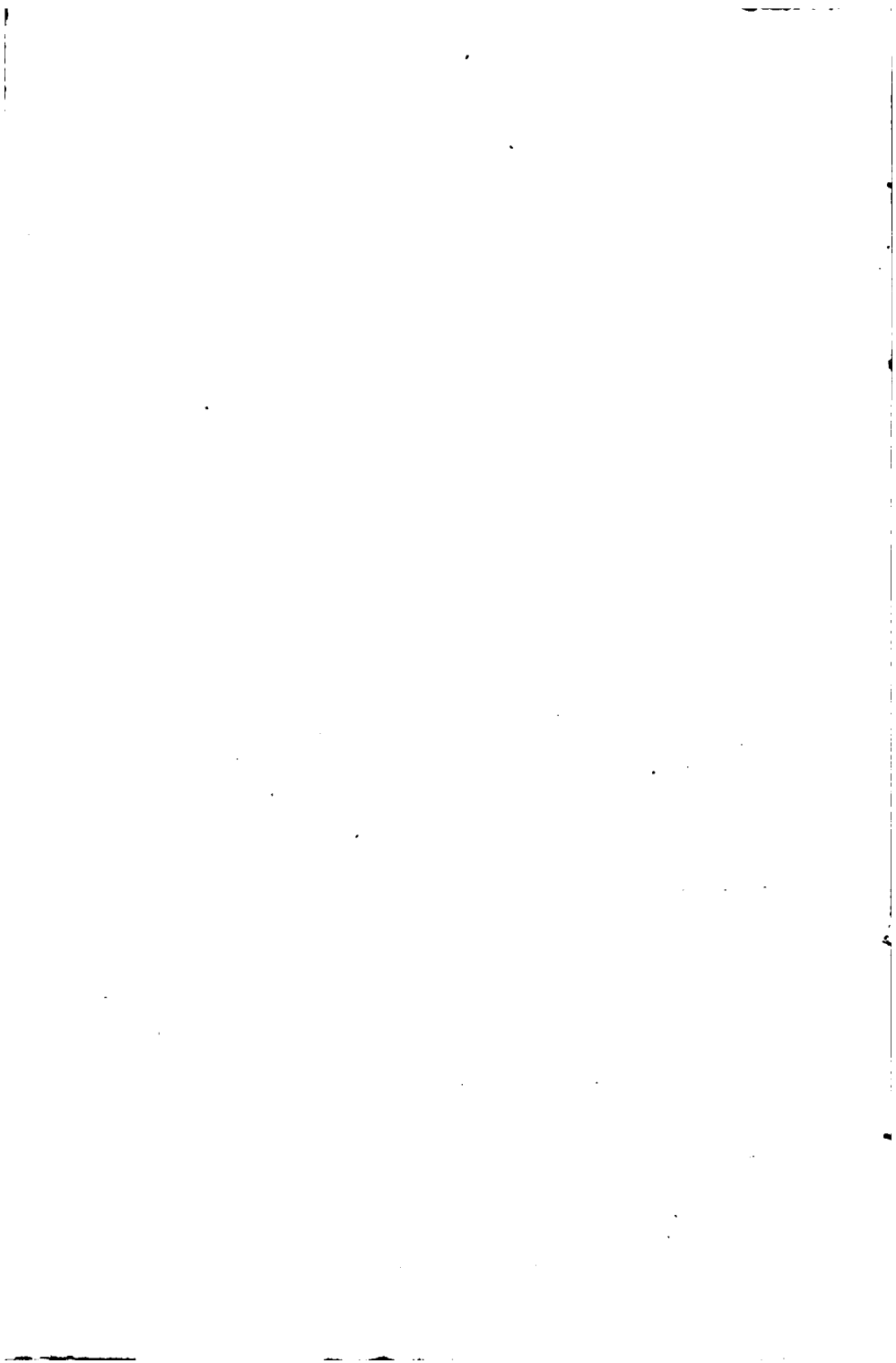
Sacerdote do Amor, eleva-se num hymno,
Ao som da eterna voz d'um invisivel sino
Que percutem no céu os altos Ideaes.

NOTA

HISTORIA DE UM CÃO — Pag. 91. — Esta fantasia foi escripta depois da leitura de uma simples e sentida pagina de A. Destrozes, publicada no semanario parisiense *La Mosaique*, em 1874. O conto do escriptor francez intitula-se *Moustapha — Histoire d'un chien*. Eis a ultima parte d'essa deliciosa narrativa, que inspirou os meus versos. Os curiosos verão até que ponto eu abusei da inspiração alheia: «Robert mit une pierre au cou du chien, qui tremblait de la fièvre — le saisit rudement et le jeta à la mer. Moustapha ne poussa pas une plainte; on n'entendit que le bruit sourd que fit le corps en tombant dans l'eau. Le jeune homme, un peu honteux, se pencha — *pour voir*; sa coiffure se détacha et fut emportée par le vent. C'était un bonnet grec brodé par une main amie. Il chercha des yeux et ne vit rien que la cime blanche des vagues; il s'en revint tout attristé — pour le bonnet!

«Il était couché depuis une heure lorsqu'il entendit gratter à sa porte, il alla ouvrir: Moustapha se tenait sur le seuil, — le bonnet entre les dents, — appuyé contre le mur. Il était ensanglanté; l'eau, ruisselant de ses poils aux couleurs étranges, se mêlait avec le sang et tombait sur les pierres; il était beau à faire peur. Robert l'embrassa en pleurant et saisit le bonnet grec!

«Moustapha regarda une dernière fois son maitre, jeta un cri, — cri de joie d'avoir été embrassé, ou de tristesse d'être si vite oublié, on ne sait! — et mourut!»





INDICE

| | Pag. |
|-----------------|------|
| PREFACIO..... | VII |
| MYSTICISMO..... | I |

PRIMEIRA PARTE

| | |
|--------------------------------------|----|
| O coração que bate n'este peito..... | 5 |
| O Esquife..... | 7 |
| O Somno de um Anjo..... | 8 |
| Fóra da Barra..... | 9 |
| O Cruzeiro do Sul..... | 10 |
| Visita á Casa Paterna..... | 11 |
| A Esmola..... | 12 |
| A Morte da Aguia..... | 13 |
| Temperamentós..... | 19 |
| Meu pai..... | 20 |
| A Voz das Arvores..... | 21 |
| Noite Tropical..... | 22 |
| Nostalgia..... | 23 |
| Natal..... | 24 |
| A Noite de S. João..... | 25 |

| | Pag. |
|-----------------------------|------|
| Os Bohemios..... | 26 |
| Londres | 30 |
| A Avó... .. | 31 |
| Soneto Romantico..... | 32 |
| Hora de Amor..... | 33 |
| O Jaguar..... | 34 |
| Arte Poetica..... | 35 |
| Roma..... | 36 |
| Diva..... | 37 |
| Jesus..... | 38 |
| Supplicas Maternas.... | 39 |
| Saudade das Montanhas..... | 40 |
| O Pharol..... | 41 |
| Idilio | 42 |
| As Estrellas..... | 45 |
| O Danubio Azul..... | 46 |
| O Arsenal..... | 47 |
| Madrugada na Roça..... | 48 |
| A Voz de Moêma..... | 49 |
| D'um Polo a outro..... | 50 |
| Os Albatrozes | 51 |
| Dia de Finados..... | 52 |
| Os Escravos..... | 53 |
| Amar e ser Amada... .. | 54 |
| Metamorphose..... | 55 |
| Paisagem..... | 56 |
| Venus de Milo..... | 57 |
| Matta Virgem..... | 58 |
| O Bom Doutor..... | 59 |
| O Sol no Mar..... | 60 |
| A Borrалheira..... | 61 |
| Miguel Angelo e Moysés..... | 62 |
| Paulo e Virginia..... | 63 |
| O Filho..... | 64 |

| | Pag. |
|---------------------------------------|------|
| A Caravana..... | 65 |
| Idade Media..... | 66 |
| Cantiga para adormecer..... | 67 |
| Paris..... | 68 |
| A Alcova..... | 69 |
| Odio..... | 72 |
| Ernesto..... | 73 |
| Nhanhã..... | 74 |
| A Bordo..... | 78 |
| A Vestal..... | 79 |
| A Bella..... | 80 |
| Credo..... | 81 |
| O Piano..... | 82 |
| A Noiva..... | 83 |
| No Album de Stanislaw d'Atri..... | 84 |
| Revelação..... | 85 |
| Frente a frente..... | 87 |
| As Vozes da Noite..... | 88 |
| A Primeira Entrevista..... | 89 |
| Versos de Stecchetti..... | 90 |
| Historia de um Cão..... | 91 |
| Confiteor..... | 100 |
| Veneza..... | 101 |
| O Enterro Civil..... | 102 |
| O Coliseu..... | 103 |
| O derradeiro olhar que na agonia..... | 104 |
| Nera..... | 105 |
| A um rico que passava..... | 107 |
| As duas Forças..... | 108 |

SEGUNDA PARTE

OS POETAS MORTOS

| | Pag. |
|-------------------------|------|
| Gonçalves Dias | 111 |
| Cazimiro de Abreu..... | 113 |
| Junqueira Freire | 114 |
| Alvares de Azevedo..... | 115 |
| Castro Alves..... | 116 |
| Varella..... | 117 |
| Agrario de Menezes..... | 118 |
| Franco de Sá..... | 119 |
| Laurindo Rabello..... | 120 |
| Bruno Seabra..... | 121 |
| Aureliano Lessa | 122 |
| José de Alencar..... | 123 |
| Porto Alegre..... | 124 |

TERCEIRA PARTE

| | |
|--------------------------|-----|
| Per Amica Silentia | 127 |
| Eva..... | 131 |
| A Hora do Repouso..... | 132 |
| Naufragio | 133 |
| Enlevo..... | 134 |
| Pagina Intima..... | 135 |
| Contraste | 137 |
| A Jangada..... | 138 |
| Olinda..... | 139 |
| Aos Estados Unidos..... | 140 |
| Duas Sombras | 141 |
| Á Mulher Americana..... | 142 |
| A Valsa | 143 |

| | Pag. |
|----------------------------|------|
| Arrulhos de Namorados..... | 144 |
| A Canção da Morta..... | 146 |
| Tranças Amadas..... | 147 |
| Os olhos de Clemencia..... | 148 |
| Nocturno..... | 149 |
| A Gaivota..... | 150 |
| Aspasia..... | 151 |
| Auto da Fé..... | 152 |
| A Capella..... | 154 |
| Visão..... | 155 |
| O Viajante..... | 156 |
| O Pensamento..... | 166 |
| Guitarra..... | 167 |
| O Collar..... | 168 |
| Memorias..... | 171 |
| A uma Cega..... | 172 |
| Á Sombra dos Alamos..... | 173 |
| Inverno..... | 174 |
| Triste Volta..... | 175 |
| Miss Perfection..... | 177 |
| O Cego..... | 178 |
| Á Beira-Mar..... | 179 |
| A Escrava..... | 180 |
| Señorita..... | 181 |
| A Carta..... | 183 |
| Boa Viagem..... | 184 |
| Cantiga..... | 185 |
| A Gazella..... | 186 |
| Incognita..... | 187 |
| A um Millionario..... | 188 |
| A Lua no Mar..... | 189 |
| O Cysne..... | 190 |
| O Boi..... | 191 |
| A Sertaneja..... | 192 |

| | Pag. |
|----------------------------|------|
| Longe dos Homens | 199 |
| O Berço e o Tumulo | 200 |
| Confidencia | 201 |
| Satanaz | 203 |
| No Deserto | 204 |
| Sorrento | 208 |
| A meu filho Gabriel | 209 |
| Á Rainha de Portugal | 212 |
| O beijo da Morta | 213 |
| Num Terraço | 214 |
| Extase | 215 |
| Galathéa | 216 |
| Venus Victrix | 217 |
| As mãos de Bella | 218 |
| Paqueta | 219 |
| A Estatua | 220 |
| A Lucinda Simões | 221 |
| Profissão de Fé | 222 |
| <hr/> | |
| Nota | 223 |



